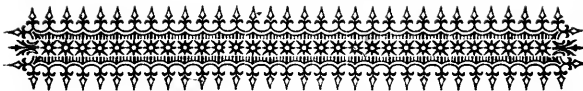
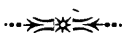
LYRA
DO
TROVADOR

COLLECÇÃO
DE
Modinhas, Lundús, Recitativos e Canções

NOVA EDIÇÃO AUGMENTADA

S. Paulo
Typ. a vapor J. B. Endrizzi & C.
74, Rua Boa Vista, 74

LYRA DO TROVADOR

Acabou-se a minha crença

Acabou-se a minha crença,
Sem crença devo morrer:
Quando deixei de crer nella,
No que mais poderei crer?

Onde a verdade
Póde fugir,
Se até um anjo
Sabe mentir!

Como um anjo me jurou,
Como um anjo me sorriu;
Como um anjo perjurou,
Quebrou a jura, mentiu!

Onde a verdade
Póde fugir,
Se até um anjo
Sabe mentir!

No olhar e nas palavras
Onde a innocencia respira,
Em tudo que diz — verdade
Só encontrei a mentira!

Onde a verdade
Póde fugir,
Se até um anjo
Sabe mentir!

LAURINDO REBELLO.

A Mulata

Eu sou mulata vaidosa,
Linda, faceira, mimosa,
Quaes muitas brancas não são;
Tenho requebros mais bellos
Se a noite são meus cabellos,
O dia é meu coração.

Sob a camisa bordada,
Fina, tão alva, arrendada,
Me treme o seio moreno;
E' como o jambo cheiroso
Que pende ao galho formoso
Coberto pelo sereno.

Nos bicos da chinelinha,
Quem vôa mais levezinha,
Mais levezinha do que eu?
Eu sou mulata tafula,
No samba rompendo a chula
Jámais ninguem me venceu.

Ao afinar da viola,
Quando estalo a castanhola,
Ferve a dansa e o desafio;
Peneiro n'um molle anceio,
Vou mansa n'um bambaleio
Qual vai a garça no rio.

Aos moços todos esquiva,
Sendo de todos captiva,
Demoro os olhares meus.
Mas, se murmurão: maldita,
Bravo. mulata bonita!
Adeus, meu yôyó, adeus...

Minhas yáyás da janella
Me atiram cada olhadella,
Ai dá-se! mortas assim...
E eu sigo mais orgulhosa,
Como se a cara raivosa,
Não fôsse feita p'ra mim.

Na fronte ainda que baça,
Me assenta o troço de cassa,
Melhor que c'rôa gentil;
E eu posso dizer ufana
Que qual mulata bahiana
Outra não ha no Brazil.

Nos meus pulsos delicados
Trago coraes engrazados
Em contas d'ouro divinas
Prendo o meu panno á cintura,
Que róla pela brancura
Das saias de rendas finas.

Se arde um desejo agora,
De meus affectos senhora,
Sei encontral-o no amôr:
Minh'alma é qual borboleta,
Que vôa e vôa inquieta,
Pousando de flôr em flór.

Meus brincos de pedraria
Tombam, fazendo harmonia
Com meu cordão reluzente;
Na correntinha do prata
Tem sempre e sempre a mulata
Figuinhas de bôa gente.

Eu gosto bem d'esta vida,
Que assim se passa esquecida
De tudo que é triste e vão;
Um dicto repinicado,
Um mimo, um riso, um agrado
Captivão meu coração.

Nos presepes da Lapinha
Só a mulata é rainha,
Meiga a mostrar-se de novo;
Da sua face ao encanto
Vai-se o fervor pelo santo,
P'ra o santo não olha o povo!

Minha existencia é de flôres,
De sonhos, de luz, de amôres,
De amôres que não têm fim;
Escrava, na terra um domo,
Outro no céo sobre um throno,
Qu'é meu Senhor do Bomfim.

Na fronte, ainda que baça,
Me assenta o troço de cassa,
Melhor que c'rôa gentil;
E eu posso dizer ufana
Que qual mulata bahiana
Outra não ha no Brazil.

MELLO MORAES.

O canto do cysne

MODINHA

Quando eu morrer, não chorem minha morte,
Entreguem o meu corpo á sepultura,
Pobre, sem pompa ; sejam-lhe a mortalha
Os andrajos que deu-me a desventura.

Não se insulte o sepulchro, apresentando
Um rico funeral de aspecto nobre ;
Como agora a zombar me dizem vivo
Podem morto dizer-me : ahi vai um pobre.

Dos amigos hypocritas não quero
Publicas provas de affeição fingida ;
Deixem-me morto só, como deixaram-me
Lutar só contra a sorte toda a vida.

Outros prantos, não quero que não seja
Esse pranto de fel amargurado
De minha companheira de infortunio,
Que me adora apezar de desgraçado.

O pranto, assucena de minha alma,
Do coração sincero, d'alma sã,
De um anjo que tambem sente os meus males,
De uma virgem que adoro como irmã.

Tenho um joven amigo, tambem quero
Que junte em minha eça os prantos seus
Aos de um pobre ancião, que perfilhou-me
Quando a filha entregou-me aos pés de Deus.

Dos meus todos eu sei que terei preces,
Saudades e lagrimas tambem,
Que eu não tenho lembrança de offendel-os.
E sei quanta amizade elles me têm.

E tranquillo, meu Deus, a vós me entrego
Peccador de mil culpas carregado ;
Mas os prantos dos meus perdão vos pedem,
E o muito que tambem tenho chorado.

LAURINDO REBELLO.

Não se me dá que outros gozem

LUNDU'

Não se me dá que outros gozem
Daquillo que eu já gozei;
Aproveita, pobresinho,
São restos que eu já deixei.

De Marcia os bellos carinhos
Em quanto eu quiz desfructei,
Os mimos que agora gozas
São restos que eu já gozei.

A flor, o fructo de amor
Intactos n'ella encontrei,
O que bebes tão sedento
São restos que eu já gozei.

Basta para castigar-te
Tocares no que eu toquei.
Vou lembrar-te, que esses gozos
São restos que eu já gozei.

Alta noite

Alta noite, tudo dorme,
Tudo é silencio na terra;
Nem sequer nos ares erra
Negro mocho gemedor;
Oh! que horas tão propicias
Para quem morre de amor.

Já se abre a gelosia
De seu bem caro, adorado,
Ancioso o — prazo dado
Espera o seu amador;
Vem saudosa e grata amante,
Que por ti suspira amor!

Leonor, meu doce anjo
Vem, que bate a hora primeira,
Vem pela vez derradeira
Abraçar o teu cantor!
Nos teus braços ache a vida
Quem por ti morre de amor.

Só por ti affronto a sorte
Que a vida de ti amada
A cruel golpe de espada
Vou por ti contente expôr,
Oh! por mim seja o triumpho,
Que por ti é meu amor.

A gelosia se abre,
E' hora da despedida;
Pudesse aqui minha vida
Findar da saudade a dôr;
Vem saudosa e grata amante
Tua porta abrir a amor.

JOAQUIM NORBERTO.

Alta noite

ACCRESCIMO

Leonor, que a voz sonora
Do seu trovador ouviu,
Ai triste! não reflectiu
N'um cauteloso rumor:
    Diz que sim ao terno amante,
    Que se abrasa só de amor.

Já descendo ia apressada
Para ingresso dar ao amante,
Quando um grito penetrante
A' alma lhe traz a dôr...
    Era um ai de seu amante,
    Que morre por seu amor.

Um rival. que occulto espreita
A ventura do rival,
Cravou—traidor—o punhal
No feliz adorador...
    E, fugindo, deixa-o exangue,
    Esperando o seu amor.

E Leonor, que indecisa
Com seu ai quasi ficou,
Já de novo se animou,
Energia dando á dôr;
Desce á rua e delirante
Vai salvar o seu amor.

Depoz os labios tão puros
Sobre os da larga ferida;
Parecia alento e vida
Dar ao ferido cantor.
Rasga seu branco vestido;
Para atar o seu amor.

Depois o deixa, de novo
Volta com agua, e afflicta
O morto apalpa e agita,
Pondo-lhe d'agua o frescor:
Mas não disperta o amante,
Quanto soffre o seu amor!

Curvada já sem espr'ança
De vêl-o á vida voltar,
Começa então a chorar
Cheia de magoa e de dôr.
Cahem lagrimas ardentes
No peito do seu amor.

Subito o amante estremece,
Abre os olhos, volta á vida;
Vê sua Leonor querida
Junto d'elle toda em dôr...
Foi o pranto que deu vida
A quem morrera de amor.

BARÃO DE S. GONÇALO.

O espectro

Espectro horrivel que surges
Junto á minha cabeceira,
Tua voz brada meu crime,
Tenho horror dessa caveira.

Com esse punhal
Que apertas convulso,
Eu fiz este sangue
Que tinge-me o pulso.

Foge, espectro, que és tormento
Que o do inferno inda mais forte.
Sobre o meu rosto ainda vivo
Sinto o teu bafo de morte.

Com esse punhal,
Que apertas convulso,
Eu fiz este sangue
Que tinge o meu pulso.

Ergue o braço, e o teu punhal
Fundo enterra no meu peito.
Ai! mais forte, espectro, calca,
Tinge de sangue o meu leito.

Com esse punhal,
Que apertas tão forte,
Se a morte te dei,
De ti quero a morte.

Sumiu se, mas inda escuto
Seus gemidos, que afflicção!
E esta mancha de sangue
Não se apaga, oh! maldição!

Espectro, descansa,
Que ao triste homicida
As dôres do inferno
Começam na vida.

Eil-o alli com o mesmo ferro,
Oh! que terror! que tortura!
Cavando junto a meu leito,
Para abrir-me a sepultura.

Espectro, piedade,
Não caves assim...
Eu dei-te um só golpe,
Tu mil sobre mim!

Já não vive a minha flôr

Perdeu a flôr de meus dias
Todo o perfume do amor;
Ramo secco pende d'haste,
Já não vive a minha flôr.

O tempo que tudo muda
Não minora a minha dôr;
Já não tenho primavera,
Já não vive a minha flôr.

Só encontro no deserto
Bafejo consoladôr;
Fechai-vos, jardins do mundo,
Já não vive a minha flôr.

Do amor d'aquella ingrata,
Tão fingido e tão traidor,
Té o amor feneceu-me
Já não vive a minha flôr.

Minha flôr nada mais tem,
Nem viço, nem mais odor ;
Dos annos na primavera
Eu succumbo á minha dôr.

Como se ama a Deus no céo

Como se ama a Deus no céo
Te adorou minh'alma pura;
Mas tu desprezas, ingrata,
Meus extremos de ternura.

Se desprezar tu pudeste
Quem soube tanto adorar-te,
Não devo amar quem me odeia,
Devo tambem desprezar-te.

Porque se é crime o desprezo
Em paga de uma affeição,
Tambem é loucura amar-se
Quem pratica ingratidão.

Se desprezar, etc.

E eu amei-te tão sincera,
Tão santa e devotamente,
Que teu desprezo só mostra
Seres ingrata, inclemente.

Se desprezar, etc.

Hoje deixei de adorar-te
Com a mesma crença de então,
Pois só adoro a quem ame
Os dotes da gratidão.
Se desprezar, etc.

O guarda urbano

RECITATIVO

Sou guarda urhano, pelas ruas vago,
De espada á cinta. por não ter emprego;
E os bregeiros quando vou passando
Dizem rosnando: — sai daqui morcego!

Quando de dia vou rondar as praças,
Ouço chalaças, para mais de um cento,
Nada respondo, fico mudo e quedo,
Não por ter medo: — ĕ regulamento...

De noite fujo de passar por baixo
De algum sobrado que tiver sacada,
Porque bem pode qualquer gaiato,
Ou mesmo um gato, dar-me uma mijada!

Quando nas noites de luar ameno
Cahe o sereno sobre o denso véo,
Uma saud de que conservo antiga
Então me obriga a contemplar o céo!

Depois cançado de trocar as pernas
Procuro um canto para me encostar:
E' justamente quando vejo ao longe,
Um certo monge que me vem rondar.

Assim andando pelas ruas vago,
E táo mal pago de um serviço forte...
Com cara alegre, vou cumprindo o fado
Que destinado tenho o minha sorte.

Até que um dia deixarei o masso,
Dando um abraço em D. Felicia!
Então capote, cinturão e espada,
De cambulhada vai para a policia!

Embora o povo com desdem insano,
Chame o urbano de ralé, canalha,
Não se faz caso do fallar dos loucos,
Ouvidos moucos, nunca dando palha.

Portanto eu peço com pureza d'alma,
Bastante calma com os taes paizanos,
Porque nem todos podem ser polidos,
E atrevidos são tambem urbanos.

Eu não consinto que me rasgue a farda,
Embora parda, que se chama blusa,
Neste momento minha espada puxo,
Metto-a no bucho de qualquer cazuza!

Adeus, collegas não reparem nisso
Que por feitiço vou vivendo errante,
Até que um dia seja relembrado,
Mesmo rasgdo por qualquer rondante!

Luiz.

RECITATIVO

Como o ribeiro, que desdobra rapido,
Ama da estrella o scintillar inquieto,
Amo teus olhos, que no fogo timido
Vem reflectir-se no sonhar dilecto.

Como na praia do areal um atomo
Ama das ondas o partir nevado,
Amo tens risos que descobrem perolas
Dormindo em leito de setim rosado.

Como dos ramos no arquejar monotono
Ama a avezlnha balançar-se á brisa,
Amei teu seio, no palpite languido,
Quando a meu peito te prendi, Eliza.

E como o bardo, no sonhar fantastico,
Ama a lembrança que levou da festa,
Adoro o souho, que desparge balsamos,
Amo a saudade, que de ti me resta.

ERNESTO CIBRÃO.

Ao trovador

MODINHA

Trovador, o que tens, o que soffres ?
Porque choras com tanta afflicção ?
O teu pranto assaz me compunge.
Trovador, ai! não chores mais, não.

Se acaso a mulher que tu amas
Te tratou com acerbo rigor,
Trovador, ai! por isso não chores,
Ai! não creias, por Deus, em amor.

O amor da mulher é a nuvem
Quando o vento a impelle no ar...
O amor da mulher é voluvel,
E' tão vario qual onda do mar.

O amor da mulher é um fragil,
Pequenino, adoudado batel,
Que vagueia sem norte, sem rumo,
Té quebrar-se em ignoto parcel!

O amor da mulher é luzerna
N'uma noite de inverno a luzir,
E' estrella do céo entre nuvens
Que a custo se vê reluzir!

A mulher tem o dom da belleza,
Tem maneiras que sabem enlevar,
Mas no meio de seus attractivos
A mulher tem o dom de enganar.

A mulher tem feitiço nos olhos,
E nos labios veneno lethal;
A mulher nos illude chorando,
E sorrindo nos crava o punhal.

Trovador, ai! esquece essa ingrata
Que causou-te cruel amargor!
Trovador, ai! por isso não chores,
Ai! não creias, por Deus, em amor.

LAURINDO RABELLO.

Ao trovador

MODINHA

Trovador, eu lastimo comtigo
Dessa ingrata tão fero rigor;
E do pranto que vertes, tão triste,
Eu bem vejo o cruel dissabor.

Eu detesto a mulher que no peito
Te cravou esse espinho de dôr;
Ai! esquece a perjura que adoras,
Mas, por Deus, acredita em amor.

O amor da mulher é sublime,
E' do céo um lampejo divino;
E' estrella brilhante e serena
Que precede o clarão matutino.

O amor da mulher é a brisa
Quando á tarde suspira saudosa!
E' a fonte que doce murmura
N'uma praia deserta, arenosa.

A mulher é um ente infeliz,
O seu fado é soffrer e amar;
Quando os homens a tornam escrava
Inda os ferros vão meiga beijar.

E, coitada! illudida e sincera,
Quer nos homens firmeza encontrar:
Não se lembra que quando elles juram
A' mulher só procuram enganar!

A mulher é ludibrio da sorte
Quando firme, constante e fiel;
Mas os homens um culto lhe rendem
Quando é falsa, perjura e cruel.

Para exemplo: vê tu essa Helena
Que o consorte trahido deixou;
Pois por ella ser falsa e perjura
Foi que Páris tão cego ficou.

O amor da mulher é perfume
Que exhala e fragrante jasmim!
O amor da mulher é constante,
Não conhece limites, nem fim.

Só por uma quebrar os seus votos,
Todas ellas perjuras não são!
No amor da mulher acredita
Trovador, ai! não chores mais, não.

JOSEPHINA PITANGA.

Ao trovador

MODINHA

Trovador, o que tens! tu não soffres?
Bem fingida é a tua affiicção;
Nesse pranto que a face te orvalha
Eu só vejo um signal de traição.

Se a mulher a quem dizes que amavas
Te tratou com acerbo rigor,
Foi por ter conhecido que amava
Um infame, um cruel seductor.

Se o amor da mulher é a nuvem,
Qual o vento que o faz agitar?...
Não será o amor d'um ingrato
Que esta nuvem procura arrastar?

Se o amor da mulher é luzerna
Para o homem que a não sabe amar,
O amor da mulher é estrella
Porque firme ha de sempre brilhar.

O amor da mulher não é fragil,
Pequenino, adoidado batel;
O amor da mulher é constante,
Mesmo achando um amante infiel.

O amor da mulher é qual rosa
Que insensatos procuram colher;
Vis insectos que trazem veneno
Para a pobre da flôr fenecer.

A mulher que promette não falta
Se ella jura, ha de a jura cumprir;
A mulher é fiel, é sincera,
A mulher não precisa mentir.

Um exemplo só, não, porém muitos
Eu aqui os podia mostrar
De que só a mulher sente amor,
De que só a mulher sabe amar.

Como o orvalho da noite

Como o orvalho da noite
Busca o carinho da flôr,
Assim minh'alma em delirio
Suspira por teu amôr.

Mas tu qual uma insensata
Com teus desprezos me mata,

Mas se eu pudesse encontrar
Nos teus labios um sorrir,
Seria minha ventura
E tambem o meu porvir.

Mas com tanta crueldade
Nem sequer tens-me amizade.

Permitta os céos que algum dia
Mais feliz eu possa sêr ;
Se continuar n'esta sórte
Antes prefiro morrêr.

A morte é um sonho dourado
Para quem é desprezado.

Acorda, minha querida

Acorda, minha querida,
Acorda, foge do leito.
Vem ouvir a voz do peito.
Do teu triste trovador.

Oh! céos! que silencio,
Que dor, que penar,
Que grato luar,
Que noite de amor!

Vem ver Diana formosa,
Dos amantes protectora,
Vem abraçar como outr'ora
Teu constante trovador.

Oh! céos! que silencio, etc.

Troca o sonho que illude
Pela verdade ditosa.
Vem consolar amorosa
Teu saudoso trovador.

Oh! céos! que silencio, etc.

Neste sitio, onde ditoso
Já gosei o teu carinho,
Não deixes gemer sozinho
Teu amante trovador.

Oh! céos que silencio, etc.

Mas ah! debalde te chamo...
Só me escuta a natureza,
Já do somno és feliz presa
Não ouves teu trovador.

Oh! céos! que silencio, etc.

Bella lua além fulgura
Em mimoso céo de anil.
Mas aqui nem um ceitil
Alumia o trovador.

Oh! céos! que silencio, etc.

Acorda, virgem formosa,
Desse teu meigo dormir.
Vem escutar o carpir
Do teu triste trovador,

Oh! céos! que silencio, etc.

A amante do poeta

A meiga virgem
Dos sonhos teus
Ora na terra
Por ti, a Deus.

Anjo perdido
Na solidão,
Ouve os suspiros
D'um coração!

Sôpro de morte
Gelou-te o peito,
Tombaste cedo
N'um frio leito.

Anjo, etc.

Se tu na vida
Me dèste os cantos,
Na morte escuta
Meus tristos prantos.

Anjo, etc.

Adeus, ó bardo,
Sonha comigo,
Na noite eterna
Do teu jazigo.

Anjo, etc.

M. M.

Arvore secca

Sim;—os tufões da noite te desgiram!
O inverno as folhas tuas requeimou;
Erguida e só no tope da montanha,
E's a imagem do tempo que passou.

Hontem, altiva os ramos ostentavas,
Hoje curvada estás, pobre infeliz!
Quem vê-te assim, princeza desthronada,
Alça uma prece a Deus e baixo a diz.

Cada galho dos teus sabe uma historia,
Tambem a sabe o tronco escodeado,
Como os ossos do morto, a cruz das campas
E ás ruinas do templo derrocado.

Ao som da tempestade, entre gemidos,
Os furacões nocturnos te adoraram;
E's qual mulher que o goso consumira,
Ou maguas para a terra debruçaram.

Do monte a grimpa te serviu de solio,
Rendeu-te o sol um preito de homenagem;
Terás por leito o val: — e o viajante
Ha de buscar em vão tua ramagem.

Quando te vejo assim, penso que sonhas:
Penso que tens um'alma, um coração,
Que sentes como eu sinto, que estremecem
Tuas raizes neste fundo chão!

Eras vistosa e de folhuda copa,
E hoje... arvore secca e descarnada!
Quem sabe se amanhã, dobrando a fronte,
Tombarás por um raio fulminada!

Tambem da vida as folhas me cahiram,
E já talhei tão moço o meu sudario!
Eu dormirei na valla dos cadaveres.
Tu, no cimo do monte solitario!

Arvoredo, tu que viste

Arvoredo, tu que viste
A minha Jonia mimosa
Apparecer-te saudosa
Com seu rosto encantador,
Deixa cahir tuas folhas,
Sente tambem minha dôr.

Mudam-se os tempos
Desta ventura,
Jonia perjura
Não tem-me amor.

Jonia ás vezes me dizia,
Com amante singeleza:
Aonio, tem a certeza
Que te amo com ardor.
Deixa cahir tuas folhas.
Sente tambem minha dôr.

Mudão-se, etc.

Ao vêr seus olhos formosos
Cheios de tanto languor,
Quem supporia seu peito
Tão cruel e tão traidor ?
Deixa cahir tuas folhas,
Sente tambem minha dor!

Mudão-se, etc.

Estes arbustos a ouvirão,
Elles sentem minha dôr,

Guarde a floresta o segredo
Deste mysterio de amor.
    Chora comigo, arvoredo,
    Sente tambem minha dôr.

Mudão-se, etc.

Eu sinto a angustia

Eu sinto a angustia
Mc suffocar.
Não ha remedio
Senão chorar.

Eia, choremos,
Comece o canto;
Tambem cantando
Se verte o pranto.

O canto ás vezes
E' brisa d'alma,
Que o mal consola
E a dôr acalma.

E cada lettra
Que o canto diz,
Um — ai repete
Do infeliz.

O canto é prece
Que vôa a Deus
Se um triste canta
Os males seus...

E livre o canto
No ar s'isola
O céo penetra
E Deus consola.

Depois que a ingrata
Feriu-me tanto,
Que de mim fôra
Sem este canto?

Talvez que as chagas
Fossem mortaes.
Se as não curasse
Com estes ais!

A Despedida

Adeus, adeus. é chegada
A hora da despedida ;
Vou, qu'importa se te deixo
N'este adeus a minha vida.

Foste ingrata aos meus extremos.
Não te peço gratidão :
Perdão—para os meus carinhos,
Aos meus amores—perdão!

Eu era um ente na terra,
Tu eras um cherubim!
Deus tirou-te dos seus anjos,
Não nascestes para mim.

Ah! perdoa a meus amores
Esta estulta elevação;
Perdão, etc.

O crime que commetti
Foi muito punido já;
Castigou-me o teu desprezo,
Maior castigo não ha.

Castigado reconheço
Quanto é justa a punição;
Perdão, etc.

Pouca vida já me resta!
Eu sinto qu'esta amargura
Tão intensa muito cedo
Ha de abrir-me a sepultura.

Do crime que fiz de amar-te,
Vem dar-me a absolvição;
Perdão, etc.

LAURINDO REBELLO.

Nestas praias de limpidas aréas

MODINHA

Nestas praias de limpidas arêas
Prateadas á noite pela lua,
Passo as horas scismando nos amores
Qu'embebido bebi na imagem tua.

Quando o sol, pelo monte declinando,
Vai no mar sepultar os seus ardores,
Uma lagrima me rola pelas faces
Recordando sósinha esses amores.

O' campinas, ó praias seductoras,
O' montanhas, ó valles de saudade,
Meus segredos guardai em vosso seio
Desses tempos de tanta felicidade.

Do recinto ah! não passem destas praias
Os votos que eu a ella dediquei,
Guardem, praias, montanhas e campinas,
Quantos ais e suspiros lhe enviei.

O canto da virgem

RECITATIVO

Eu sou qual rosa, na manhã serena,
Ao sol rompendo coralino encanto;
Se a brisa passa, na singela aragem
Aos céos envio meu perenne canto...

No liso espelho de azuladas aguas
Eu miro ás vezes meu gentil semblante;
E as estrellas dos meus olhos lindos
Alli retratam seu luzir brilhante.

Das meigas flôres que no prado colho
Não ha nenhuma como eu tão bella...
Mas aos perfumes eu lhe ajunto beijos
E d'ellas teço virginal capella.

A' claridade de um luar ameno,
Nas verdes folhas de meus louros annos.
Eu passo a vida descuidosa e pura,
Do mundo longe, dos mortaes enganos.

Se as avezinhas, ao albor da aurora,
Nos seus gorgeios vêm saudar o dia,
Eu reso á noite uma oração de amores,
Gratos perfumes de immortal poesia.

Feliz, ditosa, só em Deus pensando,
Caricias gozo de uma mãi querida ;
No seu regaço doce amor me enleia
E aos seus affagos eu entrego a vida.

BETHENCOURT DA SILVA.

Soneto

Deserta a casa está, entrei chorando
De quarto em quarto em busca d'illusões;
Por toda a parte as pallidas visões!
Por toda a parte as lagrimas fallando!

Vejo meu pae na sala caminhando
Da luz da tarde aos tepidos clarões,
De minha mãe escuto as orações
Na alcova, onde ajoelhei resando.

Brincam minhas irmãs, doce lembrança,
Na sala do jantar. Ai, mocidade,
E's tão veloz, e o tempo não descansa!

Oh sonhos, sonhos meus de claridade,
Como é tardia a ultima esperança...
Meu Deus, como é tamanha esta saudade!

Desalento

MODINHA

Quando eu morrer, minha morte
Não lamentes, caro amigo;
O sepulchro é o jazigo
Onde eu devo descançar;

A minha triste existencia
E' tão pesada e tão dura,
Que a pedra da sepultura
Já me não póde pesar.

Uma lagrima, um suspiro,
Eis quanto custa o morrer,
Custa-nos sempre o viver
Prantos, suspiros sem fim.

Que tormento fôra a vida
Se não fosse transitoria!
Não me risques da memoria,
Porém não chores por mim.

Enchem trevas o sepulchro,
Mas ninguem delle se queixa,
Ouando o morto os olhos fecha,
Não quer luz, quer descançar.

Esse profundo silencio,
Aquelle extremo abandono,
Dão o mais tranquillo somno
Que não póde despertar.

LAURINDO RABELLO.

Mar, que outr'ora

Mar, que outr'ora nestas praias
Tão alegre já me viste,
Repara como hoje triste
Choro, suspiro de amor ;
Geme tambem nesta praia,
Sente tambem minha dôr.

Elle, oh ! céos ! a quem amava
De meus braços se afastando,
E ao baixel velas soltando,
Se perdeu aos olhos meus ;
E sumido no horisonte
Não ouviu o meu adeus.

Agora se busco vêl-o,
Branca vela me apparece,
E depois desapparece
Lá no horizonte sem fim ;
E choro, espero—não volta,
Não volta—ai triste de mim

JOAQUIM NORBERTO.

Flor perfumada

Flor perfumada do jardim da vida
Deixa que eu goze dos aromas teus.
Luzente estrella em céos de amor erguida
Vem ser o guia nos caminhos meus !

Se nos rochedos da fatal descrença
Espedacei meu juvenil batel ;
Vem tu trazer á minha dor intensa
Um lenitivo que metigue o fel.

Ah ! não te negues, quando louco anceio
Entre turturas, m'estender a mão,
Traz-me a bonança ao inquietado seio,
Dá ao faminto o caridoso pão.

Se em densas trévas me perdi um dia,
Victima incauta de subido amor!
E se de tudo que mais santo havia,
Eu blasphemei na convulsão de dor:

Eu me arrependo, que o castigo vejo,
Neste amor santo que por ti senti ;
Dessas blasphemias sinto agora pejo
Pela pureza que deparo em ti.

Tens no semblante a candidez de um anjo,
Nos lindos olhos celestial langor ;
Debalde ao ver-te o coração confranjo.
Debalde busco refrear o amor.

Oh ! por teus olhos eu daria tudo !...
Olhos tão vivos nunca os vi assim !
Extasiado, fico louco e mudo
Quando tu volves um olhar p'ra mim.

Bastou em sopro de teus labios quentes
Para das cinzas nova chamma arder·
E com um gesto das feições viventes,
Pudeste a esperança no meu peito erguer,

Ah!... não consintas que paixão tamanha
Se despedace nos umbraes da dor !
—Se dos tormentos já soffri a sanha,
—Vem dar-me allivio no innocente amor !

* * *

Seus annos

Ao céo pedi uma estrella,
á fonte, leve queixume,
á briza, doce caricia,
á flôr, suave perfume.

A' noite negra, um mysterio,
ao mar, uma vaga azul ;
ao sol, um raio brilhante,
aos ventos, um beijo do sul !

Reuni n'um só raminho
essas criações de Deus
para offerecer-te, criança,
no dia dos annos teus !!

Emilia Saldanha.

Messalina

RECITATIVO

Amores, flôres, da perdida vida,
Mulher, não pódes respirar jámais !
Teu brilho, filho da descrença immensa
Que em ti nascêra, não fulgura mais.

O mundo immundo sem desprezo em peso
Sobre o teu nome recahir já fez !
Agora chora ; que da festa resta
O abandono que cercar-te vês ?

Teu peito, affeito ao sentimento lento
Do amor impuro que o prazer te deu,
Na orgia ria, n'est'hora implora
Perdão dos homens, compaixão do céo !

Mas arde tarde o labareda lêda
Do fogo santo que te quer remir!
Tu' alma a palma de celeste veste
Não mais na terra poderá cingir?

Amante, errante, perjuraste, andaste
Vendendo affectos, sem pudor, sem fé!
O pranto, ai! quanto, que a vivace face
Te orvalha hoje, do remorso é!

Impia e fria, desprezando o mando
Da verdadeira, da mais sã moral,
Seguiste o triste e desgraçado fado
Das existencias que não têm fanal!

Vendeste presto essa capella bella
Que em tua fronte virginal brilhou!
Perjura, impura n'essa humilde lide
Aniquilado teu amor ficou!

Maldicta, afficta, porém linda ainda,
Eis-te pedindo compaixão e dó!
E o mundo, immundo, por affronta aponta
A flôr que desce desfolhada ao pó!

E ora chora teu passado amado
De festas, risas, que não voltam mais!
Ditosos gozos da perdida vida
Fôram-se todos, só te restam — ais!

FERREIRA NEVES.

Neste sitio, quando a noite

Neste sitio quando a noite
E' da morte uma expressão,
O silencio se perturba,
Solta um ai meu coração

Volta, suspiro, a meu peito
Ou nos ares vai morrer.
Quero em minh'alma esconder
Meu omor, minha paixão.

Quando á noite a natureza
Parece não ter acção,
Por violencia de amor,
Solta um ai meu coração.

Volta. suspiro. etc.

Yayázinha, você mesma

LUNDU'

Yayázinha, você mesma
Foi a causa do meu mal,
Nunca pensei que você
Me fizesse cousa tal.

Sempre é moça,
Renego eu della;
Com taes sujeitas
Muita cautella

Todo o mundo me enganou,
Fez de mim seu bobozinho ;
Quando me via chorar,
Me dizia— coitadinho

Sempre, etc.

Que me amava com ternura
Trinta vezes me jurou ;
Quando me quiz ser ingrata,
De uma só tudo negou.

Sempre, etc.

O navio negreiro

TRAGEDIA NO MAR

I

'Stamos em pleno mar ... Doudo no espaço
Brinca o luar—dourada borboleta;
E as vagas após ellos, correm... cansam,
Como turbas de infantes inquieta

'Stamos em pleno mar... Do firmamento
Os astros saltam como espumas d'ouro...
O mar em troca accende as ardentias,
—Constellações do liquido thesouro ...

'Stamos em pleno mar Dous infinitos
Alli se estreitam, n'um abraço insano...
Azues, dôurados, placidos, sublimes,
Qual dos dous é o céo?... Qual o oceano?

'Stamos em pleno mar... abrindo as velas
Ao quente arfar das virações marinhas,
Veleiro brigue corre á flôr dos mares,
Como roçam na vaga as andorinhas

Donde vem? onde vai? Das náos errantes
Quem sabe o rumo, se é tão grande o espaço
Neste Sahara os corceis o pó levantam,
Galopam, vôam, mas não deixam traço

Bem felíz quem alli póde nest'hora
Sentir deste painel a magestade!...
Em baixo o mar... em cima o firmamento...
E no mar e no céo—a immensidade

Oh! que doce harmonia traz-me a brisa i
Que musica suave ao longe sôa !
Meu Deus como é sublime um canto ardente!
Pelas vagas sem fim, boiando á tôa!

Homens do mar! O' rudes marinheiros,
Tostados pelo sol dos quatro mundos!
Crianças que a procella acalentara
No berço destes pelagos profundos!

Esperai Esperai!... Deixai que eu beba
Esta selvagem, livre poesia;
Orchestra—é o mar que ruge pela prôa,
E o vento que nas cordas assobia!...

Porque foges assim, barco ligeiro?
Porque foges do pávido poeta?
Oh quem me dera acompanhar-te a esteira !
Que semelhas no mar—doudo cometa!

Albatroz! Albatroz! aguia do oceano,
Tu, que dormes das nuvens entre as gazas,
Sacode as pennas, Leviathan do espaço!...
Albatroz! Albatroz! dá-me estas azas!

II

Desce do espaço immenso, ó aguia do oceano,
Desce mais... ainda mais... não póde olhar humano,
Como o teu, mergulhar no brigue voador!
Mas que vejo eu ahi ?!... que quadro d'amarguras!...
Que funereo cantar! . . . que tétricas figuras!...
Que scena infame e vil, meu Deus meu Deus, que horror!

III

Era um sonho dantesco!... o tombadilho,
Que das luzernas avermelha o brilho,
Em sangue a se banhar!...
Tinir de ferros, estalar do açoite...
Legiões de homens negros como a noite,
Horrendos a dansar...

Negras mulheres, suspendendo as tetas,
Magras criansas, cujas boccas pretas
Rega o sangue das mãis:
Outras, moças, mas nuas e espantadas,
No turbilhão de espectros arrastadas,
Em ancia e magua vãs!

E ri-se a orchestra ironica e estridente...
E da ronda phantastica a serpente
Faz doudas espiraes...
Se o velho arqueja... se no chão resvala,
Ouvem-se gritos, o chicote estala...
E voam mais e mais!...

Presa nos élos de uma só cadeia,
A multidão faminta cambaleia,
E chora e dansa ali!
Um de raiva delira, outro enrouquece,
Outro, que de martyrios embrutece,
Cantando geme e ri!...

No entanto o capitão manda a manobra
E após, fitando o céo, que se desdobra
Tão puro sobre o mar,
Diz do fumo entre os densos nevoeiros.
«Vibrai rijo o caicote, marinheiros!
Fazei-os mais dansar!...»

E ri-se a orchestra ironica, estridente!
E da ronda phantastica a serpente
Faz doudas espiraes...
Qual n'um sonho dantesco, as sombras voam!
Gritos, ais, maldições, preces resoam!
E ri-se Satanaz!

IV

Senhor Deus dos desgraçados!
Dizei-me vós, Senhor Deus,
Se é mentira... se é verdade
Tanto horror perante os céos?
O' mar, porque não apagas
Co'a a esponja de tuas vagas
De teu manto este borrão?
Astros! noites! tempestades!
Rolai das immensidades!
Varrei os mares, tufão!...

Que importa do nauta o berço,
Donde é filho, qual seu lar?
Ama a cadencia do verso
Que lhe ensina o velho mar!
Cantai! que a morte é divina!
Resvala o brigue á bolina
Como golphinho veloz.
Presa ao mastro da mezena
Saudosa bandeira acena
A's vagas que deixa após!

Do hespanhol as cantilenas,
Requebradas de langor,
Lembram as moças morenas,
As andaluzas em flôr!

Da Italia o filho indolente
Canta Veneza dormente,
— Terra de amor e traição,
Ou do golpho no regaço
Relembra os versos de Tasso
Junto ás lavas do vulcão!

O inglez — marinheiro frio,
Que ao nascer no mar se achou
(Porque a Inglaterra é um navio,
Que Deus na Mancha ancorou),
Rijo entôa patrias, glorias,
Lembrando, orgulhoso, historias,
De Nelson e de Aboukir...
O francez — predestinado
Canta os louros do passado
E os loureiros do porvir!...

Os marinheiros hellenos
Que a vaga Ionia creou,
Bellos piratas morenos
Do mar que Ulysses cortou,
Homens que Phydias talhara,
Vão cantando em noite clara
Versos que Homero gemeu!
Nautas de todas as plagas,
Vós sabeis achar nas vagas.
As melodias do céu!...

Quem são esses desgraçados
Que não encontram em vós
Mais que o rir calmo da turba,
Que excita a furia do algoz?
Quem são? Se a estrella se cala,
Se a vaga oppressa resvala

Como um cumplice fugaz,
Perante a noite confusa
Dize-o, tu, severa Musa,
Musa liberrima — audaz!

São os filhos do deserto
Onde a terra esposa a luz,
Onde vive em campo aberto
A tribu dos homens nu's;
São os guerreiros ousados
Que com os tigres mosqueados.
Combatem na solidão!
Hontem simples, fortes, bravos...
Hoje miseros escravos,
Sem ar, sem luz, sem razão...

São mulheres desgraçadas,
Como Agar o foi tambem,
Que sedentas, alquebradas
De longe... bem longe vêm!
Trazendo com tibios passos
Filhos e algemas nos braços,
N'alma—lagrimas e fel!...
Como agar, soffrendo tanto,
Que nem o leito do pranto
Tem que dar para Ismael!

Lá nas areias infindas,
Das palmeiras no paiz,
Nasceram — creanças lindas,
Viveram — moças gentis!
Passa um dia a caravana,
Quando a virgem na cabana,
Scisma da noite nos véos!
Adeus, ó choça do monte!

Adeus, palmeiras da fonte!
Adeus, amores... ! adeus !

Depois o areial extenso !
Depois ... o oceano de pó !
Depois — no horisonte immenso
Desertos ... desertos só !
E a fome, o cansaço, a sêde,
Aí ! quanto infeliz que cede !
E cahe p'ra não mais s'erguer... !
Vaga um logar na cadeia,
Mas o chacal sobre a areia
'Acha um corpo que roer !

Hontem a Serra Leõa,
A guerra, a caça ao leão
O somno dormido á tôa
Sob as tendas da amplidão !
Hoje... o porão negro, fundo,
Infecto, apertado, immundo,
Tendo a peste por jaguar...
E o somno sempre cortado
Pelo arranco de um finado,
E o baque de um corpo ao mar!...

Hontem plena liberdade,
A vontade por poder!...
Hoje... cum'lo de maldade!
Nem são livres p'ra morrer!
Prende-os a mesma corrente
Ferrea, lugubre serpente,
Nas roscas da escuridão,
E assim zombando da morte,
Dansa a lugubre cohorte
Ao som do açoute!... Irrisão!...

Senhor Deus dos desgraçados!
Dizei-me em vós, Senhor Deus!
Se é mentira... se é verdade
Santo horror perante os céos?
O' mar, porque não pagas
Com a esponja de tuas vagas
De teu manto este borrão?
Astro noites! tempestades!
Rolai das immensidades!
Varrei os mares, tufões!

V

Existe um povo que a bandeira empresta
Para cobrir tanta infamia e cobardia!,.
E deixa-a transformar-se nesta festa
Em manto impuro de bacchante fria!...
Meu Deus! meu Deus, mas que bandeira é esta
Que impudente na gávea tripudia?
Silencio, Musa... chora e chora tanto
Que o pavilhão se lave no teu pranto!

*
* *

Auri-verde pendão de minha terra,
Que a brisa do Brasil beija e balança,
Estandarte que a luz do sol encerra
As promessas divinas da esperança...
Tu que da liberdade após a guerra
Foste hasteado dos heróes na lança,
Antes te houvessem roto na batalha
Que servires a um povo de mortalha!...

*
* *

Fatalidade atroz que a mente esmaga
Extingue nesta hora o brigue immundo

O trilho que Colombo abriu nas vagas
Como um iris no pèlago profundo!
Mas é infamia demais! ... Da etherea plaga
Levantai-vos, heróes do Novo Mundo! ...
Andrada! arranca esse pendão dos ares!
Colombo! fecha a porta dos teus mares!

CASTRO ALVES.

Já não existe a minha amante

Já não existe
A minha amante,
Viver não quero
Um só instante.

Quero acabar
A triste vida,
Pois já não vive
Minha querida.

Seu coração,
Qu'eu possuia,
Existe agora
Na campa fria.

Mesmo na campa
Tributarei
O amor puro
Que lhe jurei.

Qual bella rosa
Que a foice córta,
A minha amada
Existe morta,

Neste tormento,
Nesta agonia,
Vou ter com ella
Na campa fria.

Na Estrada

E eu disse á turba que passava rindo :
— Minh'alma geme de saudade e dor!
E a turba alegre a perpassar nem via
Na estrada ao longe, o juvenil cantor.

E eu disse então ás primaveras doces .
— Sonhos! mèus sonhos de azulada côr !
E as primaveras a sorrir deixaram
Gemer na estrada o juvenil cantor !

E eu disse ao sol que despontava altivo;
Oh, dá-me um raio de vital calor
E o sol aváro caminhou deixando
Morrer na estrada o juvenil cantor !

Mas tu passaste... eu me prostrei pedindo
A crença, a vida, aspiração ... fulgor!
E erguendo os olhos para os céos, disseste :
— Bem haja, oh Christo, o juvenil cantor!

E eu disse então ajoelhando crente;
— Salve divina inspiração do amor!
Meu Deus, eu sei que me escutaste as preces
Seja bemdito o teu poder, Senhor!

CARLOS FERREIRA.

Versos a Elvira

Escuta a lucta que devora agora
Meu seio cheio de cruel pezar !
Elvira, Elvira, ao teu desprezo preso
Não muito, sinto que me vou findar !

Olhar-te e amar-te, bendizer-te ao ver-te
Foi n'alma a palma que nasceu, brutou...
Ai, tanto encanto me cegava ! e a lava
De um peito affeito ao desamor—jorrou !

Loucura escura ! O pensamento lento
Sentou-se... alou-se e para ti correu !
Prendi-me... ri-me como escravo ignavo,
Que—estulto—o insulto sem corar soffreu !

Tormento lento em disfarçado agrado
Que a morte em sorte me vem dar cruel
—Bacchante amante decorreste preste
Desgraça ! á taça me atirei do mel !

Suspira a lyra que uma endeixa deixa
Revolta solta que se perde além...
Zephyros diros não a escutam, lutam
E correm, morrem sem me ouvir tambem !

Desmaia—á praia, que se alaga—a vaga ;
Deslisa a brisa em festival jardim...
Vai nua a lua, vagarosa, airosa ;
E' ludo ludo... e a desventura em mim !

Ferina ! a sina que me déste, inféste
A fronte insonte de cruel amor !
Maltrata, mata pouco a pouco um louco
Perdido, ungido por immensa dor !

Mas... basta! Afasta, borboleta inquieta,
Os ferros perros que lançaste em mim
Adora e chora, como adoro e choro...
Murmura pura: tambem amo assim ...

ALMEIDA CUNHA.

A transviada

RECITATIVO

Trajando gallas, nos encantos bella,
Caminha ella sem saudar-lhe alguem.
Passeia em carros, no theatro ostenta
Tudo que inventa que lhe fique bem

Porém qual flôr que no calor da festa
As pet'las cresta, para depois murchar;
Ou mariposa que a voar se inflamma,
Em torno a chamma que a vai queimar.

Assim foi ella; essa vil mundana,
Na orgia insana, se atirou, perdeu ...
Foi mariposa que queimando as azas,
Do ardor das brazas nunca mais se ergueu.

E essa infame, desprezando o esposo,
Que eterno gozo lhe faria ter
Preste se atira—que fatal loucura
Na vida impura que lhe dá prazer.

Amou-a elle, como amar no mundo
Jámais profundo, pôde amar alguem
De amor tão puro, deslembrou-se a ingrata,
Que o affecto o mata, no alcouce—além

4

Tudo mais nobre que sentiu no peito
Lá jaz desfeito por atroz afan,
Matou-lhe as crenças infernaes orgias,
Noites sombrias que não têm manhã!

Hoje apontada pelo audaz cynismo,
Mede o abysmo, quer fugir-lhe em vão,
Que a turba aponta-lhe uma bolsa infame
E em face brame — já não ha perdão!

Marcou-a o mundo com fatal sinete!
Este ferrete que tão negro é!...
E em represalia, a mulher perdida
Vive uma vida sem moral, sem fé!

Maldiz o mundo, que a soffre ainda!
Se é bella ou linda, tem vassallos seus!
Mas não se lembra, desgraçada errante,
Da fulminante maldição de Deus!

Qual aguia altiva de voar cançada
Mais apressada na descida vai;
Assim aquella que perdeu a calma,
Corpo sem alma—na miseria cai!

Mulher perdida, de que servem gallas,
Ou meigas fallas que fingidas são?
Se nesses olhos em que affectas calma
Lê-se a tu'alma, que só diz — traição!

Que valem sedas, deslumbrantes modas
Marcadas todas com tão vil moeda?
Vendes o corpo p'ra comprar enfeites,
Gozar deleites que a moral te veda!

Desenfreada nas paixões insanas,
As vis mundanas atirar se vão;
Todo o seu ouro gasta a garridice
E na velhice, nem se quer pr'o pão!

Altivos paços habitar pretendem,
Ellas que vendem seu fingido amor,
Rubras se mostram, virginaes, fugaces,
Mas nessas faces já não ha pudor.

Cynicas vivem, na miseria morrem!
Não as soccorre bemfazeja mão...
Bem penitentes ao sepulchro baixam
E lá nem acham uma cruz no chão!

ED. VILLAS-BÔAS.

Os instantes que nos restam

Os instantes que nos restam
Linda Marcia, aproveitemos!
Instantes tão venturosos
Sabe o céo quando teremos,

Marcia, se os nossos destinos
Curtos dias nos protestam,
Para que desperdiçaramos
Os instantes que nos restam?

Ah! não porcamos,
Minha querida,
Doces momentos
Da nossa vida

Se a risonha primavera,
De nossos annos já vemos,
Da idade os bellos dias,
Linda Marcia, aproveitemos!

Vem, minha bella.
Entra em meu peito,
De amôr nos una
Vinculo estreito.

Não percamos um instante,
Dos nossos dias gostosos,
Antes que a morte nos roube
Instantes tão venturosos.

Vem, minha Marcia
Que o tempo corre,
N'uma hora o homem,
Se nasce, morre.

A gozar tão bellos dias
Sabe Deus se tornaremos,
O prazer que temos hoje
Sabe o cèo quando teremos.

Vem, une á tua
A minha sorte,
Vivemos juntos
Até á morte.

Riso e morte

Quando eu deixar de chorar,
Quando eu contente me rir,
Não se enganem—desconfiem
Que não tardo a succumbir.

Quando a alma ao infortunio
Assim ligado se tem,
Como termo da desgraça
A morte não longe vem.

Eu vim ao mundo chorando,
E' chorar o meu viver,
Quando deixar de chorar
Estou prestes a morrer.

Vem, oh! morte—de meu pranto
Não receies poder vír;
Choro nos braços da vida,
Nos teus braços me hei de rir.

Muitas vezes um prazer
Que parece de ventura
Não é maís que um riso d'alma
Vendo perto a sepultura.

O feliz ri-se na vida
Por vêr n'ella o seu jardim;
O desgraçado na morte
Por vêr da desgraça o fim.

Uma ingrata, uma inconstante

MODINHA

Uma ingrata, uma inconstante,
Que eu amei mais do que a mim,
Uniu ciume á saudade
Para meus dias dar fim.

Já que não posso
Nunca esquecel-a,
Mesmo trahido
Desejo vel-a

Cruel destino,
Céos, compaixão,
Para um desgraçado
Morto ou perdão.

Por amar sómente a ella
Infeliz ao mundo vim,
Ao mundo veiu a tyranna
Para meus dias dar fim.

Já que não posso, etc.

Anjo na voz e apparencia,
Eu a julgava assim,
Mas ella tornou-se fera
Para meus dias dar fim.

E que não seja
Meu peito igual,
Ainda suspira
Por monstro tal.

Se eu fora poeta

Se eu fôra poeta,
Soubesse trovar,
As minhas canções
Te havia offertar,

Com tanto que tu
Soubesses me amar.

Se eu fôra uma pomba,
Pudesse voar,
Em teu lindo collo
Quizera pousar,

Com tanto que tu
Soubesses me amar.

Se eu fôra sereno
De noite ao luar,
Os teus lindos labios
Quizera orvalhar.

Com tanto que tu
Soubesses me amar.

Se eu fôra estrella
No céo a brilhar,
Tua linda fronte
Iria adornar.

Com tanto que tu
Soubesses me amar.

Se Diana eu fôra,
Quizera caçar
As mais lindas aves
Para te offertar,

Com tanto que tu
Soubesses me amar.

Mas, se nada eu sou,
Como te offertar
Tão lindas cousinhas
Para te agradar?

Com tanto que tu
Soubesses me amar.

Um sonho

RECITATIVO

Dormia... minh'alma de amor combalida
Gemia ferida de immenso delirio...
O mundo era um templo, e a lua donosa
Luzia saudosa qual mystico cyrio.

Os ventos que davam os mares dormentes,
Aos raios fulgentes da lua, esplendiam...
Nem vagos murmurios, nem canto das aves
Plangentes, suaves ao longe se ouviam.

Fugazes neblinas o disco da lua,
Ao vel-a tão nua, ás vezes velavam ;
Mas logo os bafejos de tépida aragem
A lucida imagem da deusa mostravam.

Mil puras estrellas que outr'ora fulgiam
Seu brilho perdiam na limpida esphera...
A lua imperava, e o mundo prostrado
Dormia embalado pela doce chimera

Que santo mysterio, na tetrica selva
Dos campos na relva que grata frescura
Nos ares tão puros que vivos perfumes
Que pallidos lumes na negra espessura.

Na esteira alvacenta de praia formosa
Eu vi vaporosa mulher em visão !
Ao vel-a minh'alma, de amores perdida,
Julgou-se ascendida na etherea mansão !

Que olhos! que bocca! que collo! que rosto!
Que raro composto! que maga poesia!
Da virgem—prodigio na voz commovida
Que nenia sentida! que branda harmonia!

Seus negros cabellos tão negros e soltos
Cahiam revoltos nos nitidos seios...
E as faces de neve rosadas ficavam
Se acaso a agitavam pudicos enleios.

Já triste captivo, um culto fervente
Votei-lhe; demente, de affecto sublime...
E a virgem sorrindo, faceira, medrosa,
Me disse amorosa: mancebo! segui-me!

Qual vôa no espaço aligera setta
Qual rubro cometa rasgando a amplidão,
Assim pela praia lancei-me arroubado
Nas azas levado de ardente paixão.

E a virgem, fugindo, qual corça ligeira
Que ouviu na clareira suspeitos rumores,
Corria, corria, em fervida lida,
Sem tino, impellida por vagos temores.

E eu pobre demente corri após ella,
E a vária donzella corria tambem;
Se acaso na praia um monte se erguia,
A virgem sorria, dizendo-me além!

Sem forças, cançada da infrene carreira,
A virgem loureira sentou-se por fim;
E eu, crente no effeito do brando desmaio,
Voei como um raio ao meu serafim.

Fruindo já nalma mil puras delicias,
Gostosas primicias, meu anjo alcancei;
E prestes já ia de amor saciar-me;
Mas, ouço chamar-me, e nisto... acordei !

Que negro destino! que até mesmo em sonho
Um quadro risonho nem dura um momento
Oh ! nunca na terra mulher caridosa
Virá suspirosa findar meu tormento.

LUIZ FRANCISCO DA VEIGA.

O perdão

Perdoa, oh! virgem, se te amei sonhando,
Se, despertando, mendiguei-te um riso ;
Perdoa, oh! virgem, se nos meus amores,
Bem como as flores desmaiei conciso...

Perdoa, oh! deusa, se nos meus delirios,
A' luz dos cirios profanei-te o pejo .
Perdoa, oh deusa, se num louco anceio
Beijei-te o seio, suppliquei-te um beijo!

Perdoa, oh ! santa, se por ti, convulsa,
No peito pulsa destemida veia ;
Perdoa oh! santa, quanto mais s'inflamma
De amor a chamma mais voraz se ateia

Perdoa, archanjo, se te fui ousado,
Em ter fallado desse amor tão cedo;
Pordoa, archanjo, — por tuas virgens c'roas,
Se me perdoas — guardarei segredo!

Perdão, senhora ! — teus olhares sérios
Só tem mysterios, que me causam dammo ;
Perdão, senhora ! se me vires triste,
A dor consiste num fatal engano.

Deixa, donzella, reparar meu erro,
Neste desterro derramar meu pranto ;
Deixa que ao menos em queixosa endeixa,
Lamente a queixa, que me opprime tanto...

Consente virgem, que na pyra ardente
Eu vá demente me queimar em vida,
Então na tumba, já depois de morto,
Terei conforto da tyranna lida !

E lá, sózinha, passarei contente,
Eternamente esquecerei o mundó :
Meu pobre peito de te amar cançado,
Lá sem cuidado dormirei profundo ! ...

E eu sò te peço que me vás um dia
Na lousa fria desfolhar-me um cravo ;
E lá, meu anjo — murmurar curvado :
«Morreu! coitado, de meu peito escravo.

SALAZAR SANCHES.

Desejo

Quando n'esses teus labios nacarinos
Vejo pairar um celico sorriso,
Em minh'alma amantissima diviso
Carmes, harpejos, canticos divinos.

De teus olhos os raios resplandentes,
São como guia ao nauta desditoso !...
E em meu caminho triste e tortuoso
Tu me cobres de perolas nitentes.

São perolas teus risos argentinos
Vibrados nesses labios chrystalinos
Vermelhos como um cardo bem maduro.

Ai quem pudesse, borboleta ousada,
Sugar na tua bocca avermelhada
N'um longo beijo todo o nectar puro!

M. J. VALLADÃO.

Sinhô Juca

LUNDÚ

Sinhô Juca, vá-se embora,
Não me conte historia, não;
Já s'esqueceu do que fez
Na noite de S. João?

Ai meu deus! sinhô Juquinha —
Você é os meus peccados;
Vá-se embora, já lhe disse,
Não me queira dar cuidados...
Que as artes de sinhô Juca
São mesmo artes do demonio;
Para me vêr livre d'ellas
Vou rezar a Santo Antonio:
Santo Antonio, meu santinho,
Livrai-me d'esta affiicção:
Fazei como que sinhô Juca
Não me faça tentação ..
Santo Antonio, Santo Antonio...
Que tentação do demonio!

Sinhô Juca, é forte teima!
Não bula comigo não...
Não brinque como brincou
Na noite de S. João.

Ai meu Deus! etc.

Sinhô Juca, arréde lá,
Senão leva um bofetão:
Eu não quero mais gracinhas
Da noite de S. João.

Ai, meu Deus! etc.

Sinhô Juca, você chora
(Já se viu tal tentação?)
Não se vá, que já não ralho
Da noite de S. João.

Ai meu Deus! sinhô Juquinha,
Você é os meus peccados!
Eis de novo inda outra vez
Os meus protestos quebrados!
As artes de sinhô Juca
São mesmo artes do demonio,
Não me posso livrar d'ellas
Nem rezando a Santo Antonio.

Santo Antonio, meu santinho,
Já não vales de nada, não:
O chorar de sinhôzinho
Derreteu-me o coração;
Santo Antonio, Santo Antonio...
Que tentação do demonio!

Pobre flôr !...

Quem a vida te arrancou
tão nova, já sem carinho
flôr desfolhada no chão
do tremedal no caminho ?

Quem tuas petalas mimosas
uma por uma arrancou ?
a chuva ? o vento ? a geada ?
quem tua vida cortou ?

A pobrezinha em pedaços
jazia desfallecida ;
arrastada pelos ventos,
morreu no campo esquecida !

EMILIA SALDANHA.

Que mais desejas ?

MODINHA

Que mais desejas ?
Tudo te dei;
De tudo em troca
Nada alcancei.
—Dei-te meu peito,
Em pranto e ais ;
Dei-te minha alma ;
Que queres mais ?

Juraste eterna
Fidelidade ;
Seguiu-se á jura
A falsidade.

—Em toda a parte
Vejo rivaes ;
A fé perdi-te,
Não creio mais.

Se me não queres,
Se não me adoras ;
Quando me queixo,
Que tens, que choras ?
—Ah não me prendas
No pranto teu ;
Não quero um pranto
Que não é meu.

Mas, oh perdôa
Foi illusão ;
Dos meus tormentos
Tem compaixão.
—Perdôa, esquece
O meu rigor ;
Não fere a offensa,
Que vem de amor.

LAURINDO RABELLO.

Anninhas

Anninhas, escuta a lyra
Do bardo escute a canção,
Que este som que nella inspira
Lhe parte do coração.

Escute o canto do bardo,
Que em seu rude dedilhar
Lhe vai mostrar que a sua alma
Foi só feita para amar.

«Linda Anninhas, quem ha que resista
Aos encantos que o amor lhe fadou?
Ah! mal haja, mal haja o primeiro
Que suas feições feliz partilhou!

Não fui eu... mas qu'importa, ainda é tempo,
Inda posso essas graças gozar;
Que uma flôr tão viçosa e tão bella
Foi nascida p'ra nunca murchar.

Oh! Anninhas, permitta que eu goze
Esses dons que a natura lhe deu,
Saiba eu que tambem cá na terra
Se desfructam delicias do céo.

Oh! Anninhas! meu anjo! consinta
Que lhe beije mil vezes a mão,
Que lhe oscule esses labios tão lindos
E gozemos d'amor a expansão.

Deliremos em mutuas caricias,
Exultemos de gozo e d'amor,
Em mil beijos e em ternos abraços
Expiremos com doce fervor.

E depois e depois—affeição
Sempre terna lhe hei de votar,
Que a mulher que possue taes encantos
Hei de sempre constante adorar.

Linda Anninhas, não seja cruel,
Oh! por Deus, não me diga que não:
Se não quer que bem alto proclame
Maldição! maldição! maldição!

J. A. NEVES.

A doida d'Albano

I

—Anda cá, meu filho, escuta,
E's amigo de tua mãe?
—O' minha mãe, que pergunta!
—Basta, meu Paulo, pois bem,
Vae ver a velha Vicencia
O amor que um filho lhe tem.

Faz vinte annos... e dizendo
Tira do peito um punhal,
Que teu pai morreu a golpes
Deste ferro por meu mal,
E que eu de vir a vingal-o
Fiz uma jura fatal.

—Uma jura, mãe santissima!
O' minha mãe, que jurou?
—Eu jurei por este sangue,
Que em ferrugem se tornou,
Que tu, filho, matarias
Esse que teu pai matou.

Matas?—Mato; aqui o juro,
—E matas seja quem fôr?
—Juro.—Ainda que a vingança
Te roube ao seio um amor?
—Inda assim.—Toma este ferro,
E' Ricardo o matador.

—Ricardo, o pai de Maria?!
—Sim esse.—O' mãe, perdoae,
—Pela amante o pai esqueces,

Filho ingrato!? Parte, vae,
Cumpre a jura, ou sê maldicto,
Se tu não vingas teu pai.

II

Nessa noite tinto em sangue,
Com os cabellos no ar,
O assassino de Ricardo
Foi aos pés da mãe lançar
O punhal com que jurara
Do pai a morte vingar.

Sorriu-se a velha e contente
Abraçou o vingador,
Quando eis subito apparece
Qual bella estatua de dôr,
Junto do prupo chorando
D. Albano a candida flor.

—Paulo, meu Paulo, vingança,
Perdi meu pae, não o vês
Nestas lagrimas sentidas
Que aqui derramo a teus pés ?
Paulo, meu Paulo, vingança,
Vinga-me tu por quem és.

Eu vi-o banhado em sangue,
Assisti-lhe ao triste fim,
Quiz fallar-me e já não pôde,
Co'os olhos fitos em mim,
Expirou, vingança eterna.
Tu vingas-me, Paulo, sim ?

—Vingo, Maria, socega,
Eu sei quem teu pai matou,
Vai morrer co'o mesmo ferro
Que inda ha pouco o trespassou.
Isso disse, e a punhaladas
O proprio seio cravou.

III

Foge a triste espavorida,
Deixa Albano, e sem parar,
Entra em Roma ao outro dia
Por toda a parte a gritar:
—Quem me mata por piedade,
Quem me vem tambem matar?

Assim vagueia tres dias,
Té que ao quarto endoideceu,
E ainda hoje o caminhante,
Quando passa ao colliseu,
Vê a pobre ás gargalhadas
Vingança pedindo ao Céo.

A. X. R. Cordeiro.

Ai meu bem, se eu te não amo

MODINHA

Ai, meu bem, se eu te não amo,
Um passo não chegue a dar,
A mesma terra em que piso
Não me queira sepultar

Ai, meu bem, se eu te não amo,
O Deus do céo não me escute.
Nem o sol mais me illumine.
Nem a terra me sepulte.

Ai, meu bem, se eu te não amo,
Seja um ente sem ventura,
As ondas do mar sanhudo
Sejam minha sepultura.

Se não crês no que te digo,
Tens aqui meu juramento;
Acharás teu nome escripto
No meu terno pensamento;

Pois mesmo depois de morto,
Debaixo do frio chão,
Acharás teu nome escripto
No meu terno coração.

Chá preto, sinhá

LUNDU'

Sinhásinha hontem á tarde
Perdeu as cores mimosas;
Ai, quanto mais o sol arde,
Mais se desbotam as rosas.

Sinhásinha, meu amor,
Vale a pena, regue a flôr.

Ahi está rosca fina,
Chá preto aqui está;
Receia a mofina?
Não tome, sinhá!

As flôres da madrugada
Serão estrellas do dia;
Da noite, a flôr será fada
De doce melancolia.

Sinhásinha, meu amor,
Vale a pena, regue a flôr.

Ahi está rosca fina, etc.

Já a noite solta o manto
E coram-te as faces bellas...
Sinhá, meu timido encanto,
Oh! rosa gemea de estrellas;

Sinhásinha, dé-me a flôr;
Dou-lhe em paga meu amor!

E dou-lhe roscas finas,
E dou-lhe bom chá!
Não creia em mofinas,
Ai! tome... sinhá?

Nevoas

RECITATIVO

Na hora em que as nevoas se estendem nos ares,
Que choram nos mares as ondas azues,
E a lua cercada de pallida chamma
Na selva derrama seu pranto de luz,

Eu vi... maravilha! Prodigio ineffavel!
Um vulto adoravel, primor dos primores
Sorrindo ás estrellas, no céo resvalando,
Nas vagas boiando de tenues vapores!

Nos membros divinos, mais alvos que a neve,
Que os astros, de leve clareiam formosos,
Nas tranças douradas,nos labios risonhos,
Os genios e os sonhos brincavam medrosos !

Princeza das nevoas ! Milagro das sombras!
Das roseas alfombras, dos paços sidéreos,
Acaso rolaste, dos anjos nos braços,
Dos vastos espaços aos mantos ethereos?

Os prantos do inverno congelam-te a fronte,
Os combros do monte se cobrem de brumas,
E quêda repousas n'um mar de neblina
Qual perola fina n'um leito de espumas !

Nas nuas espaduas, dos astros algentes,
O sopro não sentes raivoso passar ?
Não vês que se esvaem miragens tão bellas,
A luz das estrellas não vês se apagar?

Ai! vem, que nas nuvens te mata o desejo
De um fervido beijo gozares em vão!
Os astros sem alma se cansam de olhar-te,
Nem podem amar-te, celeste visão!

E as auras passavam, e as nevoas tremiam,
E os genios corriam no espaço a cantar;
Mas ella dormia, gentil, peregrina,
Qual pallida ondina nas aguas do mar !

Estatua sublime, mas triste sem vida,
Sem ,voz, envolvida no hiberneo sudario,
Verás se me ouvires, trocado por flôres,
Por palmas de amores teu véo mortuario!

Ah! vem, vem, minh'alma! Teus louros cabellos,
Teus braços tão bellos, teus seios tão lindos,
Eu quero aquecel-os no peito incendido...
Contar-te ao ouvido meus sonhos infindos!

Assim eu fallava, nos amplos desertos,
Seguindo os incertos lampejos da luz,
Na hora em que as nevoas se estendem nos ares,
E choram nos mares as ondas azues.

As brisas d'aurora ligeiras corriam,
As flôres sorriam nas verdes campinas,
Ergueram-se as aves no vento á bafagem,
E a pallida imagem desfez-se em —neblinas!

FAGUNDES VARELLA.

E ella!

RECITATIVO

Na luz suave de brilhante estrella
Que á meia noite solitaria véla;
Revejo o fogo de seu olhar tremente,
Curvo meus labios, murmurando—é ella.

Nas harmonias tão singellas—puras,
Que o crepusculo só por si revella,
Minha alma soffre da saudade os carmens,
Exala um hymno, murmurando—é ella.

No echo triste, ao tanger trindades,
Surge á lembrança a oração singella
E a prece humilde que meus labios dizem,
Finda e completa, soluçando—é ella.

Se me recordo dessa noite amiga
Que branca a lua se mostrou tão bella;
Sonho um futuro de encantados gozos;
D'alma o anhelo só repete—é ella.

Na luz—na sombra—na amplidão—na flôr,
No claustro ermo—na voraz procella,
No sacro hymno do morrer da tarde,
O eterno canto de minh'alma—é ella.

DIAS DA SILVA JUNIOR.

O meirinho e a pobre

DUETO

Meirinho — Olá, vamos sem demora
P'ra casa da correção;
Tanta pobre na cidade,
Não está má vadiação.

Pobre — Veija bem senhor meirinho,
Deste lado estou esquecida,
Esta mão p'ra nada serve,
Deste olho estou perdida.

Meirinho — Minha pobre não m'embaça,
Póde muito bem servir,
Inda moça reforçada,
Deixe a vida de pedir.

Pobre — Como poderei viver,
Sem esmolas dos fieis?
Senhor meirinho, vá embora
E me dê alguns dez-reis.

Meirinho — Marche já minha devota,
Tenho ordens apertadas;
Velhas, tontas, moças, tortas,
Irão todas amarradas.

Pobre — Se me leva, sinhorsinho,
Muita gente o sentirá,
Dos meninos que eu educo,
Coitadinhos que será?

Meirinho — Oh! mulher não sei que diz!
Venha já para a prisão...
Pobre — Ah! me deixe senhorsinho,
Qu'eu lhe dou meu coração.

Juntos — Já que amor assim nos prende,
Da policia escapemos,
Pois se desta nós zombamos
Com amor nós não podemos.

Pobre — Eu sou pobre, isso verdade,
Mas sou pobre mui fagueira,
Sei dançar o miudinho,
Sei puchar minha fieira.

O Brazil tem seus meirinhos,
Que nos prendem com ternura,
Porque os moços brazileiros,
Tem feitiços tem doçura.

Meirinho — Tambem tem nesta cidade,
Pobresinhas com desdem,
Ellas fazem tranquinadas
Com artes não sei de quem.

Da justiça official
Nem por isso sou marreco,
Quando estendo a minha gambia
Sou mais leve que um boneco.

Juntos — Pois vivamos sempre juntos,
Meirinhando com pobreza,
Pois amor quando nos prende
Não s'importa com riqueza.

O gigante de pedra

RECITATIVO

Gigante orgulhoso, de fero semblante,
N'um leito de pedra lá jaz a dormir!
Em duro granito repousa o gigante
Que os raios sómente puderam fundir.

Dormido atalaia no serro empinado,
Devêra cuidoso, sanhudo velar,
O raio passando o deixou fulminado
E a aurora que surge não ha de acordar!

Co'os braços no peito cruzados, nervosos,
Mais alto que as nuvens, o céo a encarar,
Seu corpo se estende por montes fragosos,
Seus pés sobranceiros se elevam do mar.

De lavas ardentes seus membros fundidos
Avultam immensos: só Deus poderá
Rebelde lançal-o dos montes erguidos
Curvados ao peso que sobre elle'stá.

E o céo, e as estrellas, e os astros fulgentes
São velas, são tochas, são vivos-brandões,
E o branco sudario são nevoas algentes,
E o crepe que o cobre são negros bulcões.

Da noite que surge no manto fagueiro
Quiz Deus que se erguesse de junto a seus pés
A cruz sempre viva do sul no cruzeiro,
Deitada nos braços do eterno Moysés.

Perfumam-n'o odôres que as flôres exhalam,
Bafejam-no carmes d'um hymno d'amor,
Dos homens, dos brutos, das nuvens que estalam,
Dos ventos que rugem do mar em furor.

E lá na montanha, deitado, dormindo,
Campeia o gigante — nem póde acordar!
Cruzados os braços de ferro fundido,
A fronte nas nuvons, os pés sobre o mar!

GONÇALVES DIAS.

Fatalidade

Adeus! Adeus! meu extremoso amigo!
Adeus, eu digo-te a chorar de dor!
E' o derradeiro suspira das creanças,
Que despedem das visões do amor.

Pallido e triste atravessei a vida,
Sempre orgulhoso, concentrado e só...
E' que eu sentia que um fadario estranho
Meus sonhos todos reduzia a pó.

Mas tu vieste... e acreditei na vida...
Abri os braços... caminhei p'ra luz...
E a borboleta da fatal crysalida
Soltou as azas pelos céos azues.

O tronco morto refloriu de novo,
Ergueu-se vivo, perfumado em flor,
Abençoando a primavera amiga...
Ai! primavera de meu santo amor!

Porém qu'importa, se ha fadarios negros...
Frontes voltadas do sepulchro ao chão...
Pedras colladas de um abysmo á beira...
Astros sem norte, de cruel clarão.

Quem mostra o trilho ao viajor das sombras?
Quem ergue o morto que esfriou no pó?
Quem diz á pedra que não desça ao pégo?
Quem segue a estrella desgraçada e só?

Ninguem!... na terra tudo vai... gravita
Lá para o ponto que lhe marca Deus;
Tombam os raios—as estrellas sobem!...
Lutar co'a sorte é combater os céos!...

Vai, pois, ó rosa, que em meu peito, outr'ora,
Acalentava a suspirar e a rir...
Deixas minh'alma como um chão deserto...
Vai, flor virente, mais além florir...

Vai, flor virente! no rumor das festas,
Entre os esplendores, como o sol viver;
Emquanto eu subo tropeçando incerto
Pelo patibulo—que se diz—soffrer!

Que resta ao triste, sem amor, sem crenças?
—Seguir a sina... se occultar no chão...
Mas quando, estrella! pelo céo voares
Banha-me a lousa de feral clarão.

CASTRO ALVES.

Nas horas longas

RECITATIVO

Nas horas longas de uma tarde amena
Minh'alma pena por fatal tributo ;
E tantas magoas que meu peito encerra,
Ninguem na terra me pranteia o luto.

Perdi a infancia e com elle a crença
Na lucta immensa de um soffrer de horror;
E pouco e pouco vou perdendo a vida,
Triste, abatida qual a murcha flôr.

E tantas glorias que eu sonhei criança,
Tanta esperança que occultei n'est'alma;
Hoje, nem sonhos de illusão de amor,
Nem murcha flor de singela palma.

Oh! Deus eterno, e eu vivo ainda,
Vergonha infinda para um pai trahido ;
Vergonha, opprobrio de um viver impuro,
Negro futuro de um pensar perdido.

Para que vivo? Para vêr-te um dia
Pallida e fria me estendendo a mão,
Curtindo as dôres que as entranhas corta,
De porta em porta mendigando o pão.

Neste silencio que a noito encobre
Tranquillo dorme quem me faz penar ;
E' esse o monstro seductor, vaidoso,
Que a vida e gozo quiz de mim roubar.

Depois a campa e o esquecimento,
Nem um lamento sobre o leito eterno,
Nem um suspiro, nem uma oração,
O' maldição ! maldição do inferno !

XAVIER DE NOVAES.

Aonde vai, sr. Pereira de Moraes?

LUNDÚ

Aonde vai, sr. Pereira de Moraes ?
Se você vai, não vem cá mais ;
As mulatinhas só dando ais,
Fallando baixo p'ra metter palavriaes ;
Mettendo o pente para abrir a liberdade;
Fazendo figas aos demonios das rivaes ;
Saias na gomma p'ra os recheios e fafás,
Se voce vai, não vem cá mais.

Mulatinhas falladeiras,
Renegadas do diabo,
Me roubaram meu dinheiro,
Me deixaram esmolambado.

Ora meu Deus,
Ora meu Deus,
Qu'estas mulatinhas
São peccados meus.

Sempre-viva

A sempre-viva que me déste, ó bella,
Oh! sempre viva me será na mente,
Nas pet'las d'ouro que esta flor ostenta
Leio o protssto dum amor ardente.

Se a flor mimosa desbotar não póde
Mesmo dos annos ao poder nefando,
Ao seio unida viverei com ella,
Beijando as pet'las morrerei te amando.

Amor tão puro como eu sonho, archanjo,
Vejo exhalar-se desta flor divina:
Oh! seja embora meu amor um crime,
Hei de adorar-te como a flor me ensina.

A sempre-viva que me déste, ó bella,
Oh! sempre viva me será na mente,
Nas pet'las d'ouro que esta flor ostenta
Leio o protesto dum amor ardente.

França Junior.

Se o meu bem nunca mudar

Novos ares, novos climas
Irei logo respirar;
La mesmo serei ditoso,
Se o meu bem nunca mudar.

Esses mares solitarios
Vou chorando transitar,
Mas depois ver-me-hão alegre,
Se o meu bem nunca mudar.

O riso que nos meus labios
Viam constante pairar
Verão de novo raiando,
Se o meu bem nunca mudar.

Porém a ausencia me priva
Ao della me separar,
O prazer que hei de sentir,
Se o meu bem nunca mudar.

Muqueca de sinhà

LUNDU'

Quem quizer comer muqueca, seu bem
Peça a sinhá p'ra fazer.
Que se ella pega no peixe, ladrão,
Dá vontade de lamber,
Mendegue affectado
De minha sinhá,
Pimenta de cheiro
Mingáo de cará.
Tudo isto mexido por mão de sinhá
Qual será o ladrão
Que não comerá,
Tudo isto mexido por mão de sinhá?
Tudo isto mexido por mão de sinhá ?
Para a muqueca ser gostosa, seu bem,
Tira-se a espinha primeiro ;
Cuidado que não se engasgue, ladrão,
Não engula o peixe inteiro,
Mendegue afectado
De minha sinhá
Pimenta de cheiro
Mingáo de cará.
Tudo isto mexido por mão de sinhá
Qual será o ladrão
Que não comerá.
Tudo isto mexido por mão de sinhá ?
Tudo isto mexido por mão de sinhá ?

Amor e medo

RECITATIVO

Quando eu te fujo e me desvio cauto
Da luz do fogo que te cerca, ó bella,
Comtigo dizes, suspirando amores:
«—Meu Deus! que gelo, que frieza aquella!»

Como te enganas! meu amor é chamma
Que se alimenta no voraz segredo,
E se te fujo é que te adoro louco...
E's bella—eu moço; tens amor, eu—medo.

Tenho medo de mim, de ti, de tudo.
Da luz, da sombra, do silencio ou vozes,
Das folhas seccas, do chorar das fontes,
Das horas longas a correr velozes.

O véo da noite me atormenta em dôres,
A luz da aurora me enternece os seios,
E ao vento fresco do cair das tardes,
Eu me estremeço de crueis receios.

E' que esse vento que na varzea — ao longo,
Do colmo o fumo caprichoso ondeia,
Soprando um dia tornaria incendio,
A chamma viva que teu riso atea!

Ai! se abraçado crepitasse o cedro,
Cedendo ao raio que a tormenta envia
Diz: — que seria platinha humilde
Que á sombra d'ella tão feliz crescia?

A labareda que se enrosca ao tronco
Torrára a planta qual queimára o galho ;
E a pobre nunca reviver pudera,
Chovesse embora paternal orvalho

Ai! se eu te visse no calor da sésta,
A mão tremente no calor das tuas
Amarrotado o teu vestido branco
Soltos cabellos nas espaduas nuas!...

Ai! se eu te visse, Magdalena pura,
Sobre o velludo reclinada a meio,
Olhos cerrados na volupia doce,
Os braços frouxos—palpitante o seio...

Ai se te visse em languidez sublime,
Na face as rosas virginaes do pejo,
Tremula a falla a prostar baixinho...
Vermelha a bocca, soluçando um beijo!...

Diz: — que seria da pureza d'anjo
Das vestes alvas, do candor das azas?
— Tu te queimáras, a pisar descalça ;
— Criança louca — sobre um chão de brazas!

No fogo vivo eu me abrazára inteiro!
Ebrio e sedento na fugaz vertigem,
Vil machucára com meu dedo impuro,
As pobres flôres da grinalda virgem!

Vampirio imfame, eu sorveria em beijos
Toda a innocencia que teu labio encerra,
E tu serias no lascivo abraço
Anjo enlodado nos paúes da terra.

Depois...desperta no febril delirio,
— Olhos pisados — com um vão lamento,
Tu perguntáras: — qu'é da minha c'roa?...
Eu te diria: desfolhou-a o vento.

Oh! não me chames coração de gelo!
Bem vês: trahi-me no fatal segredo.
Se de ti fujo é que te adoro e muito
E's bella,—eu moço; tens amor, eu — medo!...

CASIMIRO DE ABREU.

O opulento

RECITATIVO

Eil-lo que passa em seus trens faustosos,
Ebrio das pompas que a riqueza dá;
Sólta dos olhos um olhar d'affronta,
Ligeiro roda e nem se avista já.

Insulto, escandalo, a miseria extrema
A's portas bate do infeliz que só
Vive em penuria, se é viver a vida
Eivada sempre do martyrio e dó.

Por altas noites em salões dourados
Se agitam danças de um folgar sem fim.
E o rico mostra esplendor qu'ostenta
Ornatos proprios de um real festim.

Soam descantes e harmonias soam
Que infiltram n'alma a languidez d'amor;
Entre os folguedos que de véos se rasgam
Celestes véos de virginal pudor!

E as noites voam, fugitivas, ledas,
Entre as delicias que a ventura tem.
E aos sons festivos que ao praser convida
Lá vão saudosas murmurando alèm.

A's mesmas horas quantas familias gemem
Tragando o calix d'amargoso fel.
A quantos crimes não arrasta a fome
Com seus tormentos de um pungir cruel !

Triste viuva que vivia pobre,
Lutando em balde contra acerba dor,
Vendeu as filhas ao brilhar da infamia!
Cedeu ao crime ... santo Deus! que horror!

Sobre as arcadas de mosteiro antigo,
Que a lua esmalta com saudosa luz,
Dous orphamsinhos sem um tecto ao menos
A' sombra dormem do velar da cruz!

Honrado artista sobre um leito humilde
Cai sem alento, que não póde mais...
Trabalha sempre, na miseria immerso,
P'ra soffrer penas no porvir fataes !

Velho soldado, que ao bradar da patria
Vertera o sangue no calor da acção.,.
Vergonha! opprobio! maldição eterna!
Hoje, esquecido, lá mendiga o pão!

A casta virgem á penuria cede!...
Do erro ao crime só um passo vai!
Era hontem pura, criminosa é hoje,
Amanhã, perdida, nas orgias cai!

E o rico folga nos saráos luzidos,
Sorrindo a todos com um sorrir mordaz...
E o rico baldo aos sentimentos nobres
Seu ouro esgota no prazer fallaz!

Só não tem oure para valer o pobre,
Não tem ouro para calar a dôr,
Só não tem ouro para salvar a virgem
Dos torpes laços de um mentido amor.

Homens ditosos que folgaes no luxo,
Vergai á dor, á compaixão vergai,
E os agros prantos de martyrio e sangue
Nos bassos olhos do infeliz seccai.

Dai-lhes o sobejo dessas mesas lautas.
Que as mais das vezes arrojais ao chão,
Folgai embora, mas roubai a fome
A' tantas familias que mendigam o pão

SOARES PASSOS.

Muqueca de sinhà

LUNDU'

Quem quizer comer muqueca, seu bem
Peça a sinhá p'ra fazer.
Que se ella pega no peixe, ladrão,
Dá vontade de lamber,
Mendegue affectado
De minha sinhá,
Pimenta de cheiro
Mingáo de cará.
Tudo isto mexido por mão de sinhá
Qual será o ladrão
Que não comerá,

Tudo isto mexido por mão de sinhá?
Tudo isto mexido por mão de sinhá ?
Para a muqueca ser gostosa, seu bem,
Tira-se a espinha primeiro;
Cuidado que não se engasgue, ladrão,
Não engula o peixe inteiro,
Mendegue afectado
De minha sinhá
Pimenta de cheiro
Mingáo de cará.
Tudo isto mexido por mão de sinhá
Qual será o ladrão
Que não comerá.
Tudo isto mexido por mão de sinhá ?
Tudo isto mexido por mão de sinhá ?

A virgem da noite

RECITATIVO

A virgem da noite no azul transparente
Do lago tremente reflecte o perfil,
E o manto d'estrellas sorrindo desata
Em ondas de prata no ether subtil!

A terra abrazada palpita em desejos!
Nas selvas os beijos s'escutam de amor;
As auras travessas brincando nas ramas
Abraçam em chammas o collo da flôr!

Trepitam regatos por entre a verdura
De branca espessura, em doce gemer;
Em vago, amoroso, celeste abandono
Parece que o somno convida o prazer!

A mystica sombra dos bosques frondosos
Nos campos saudosos phantasmas produz!
Eterna, incessante, suave harmonia
Nos diz—poesia—nos raios da luz!

Que noite! E que immensa, profunda tristeza
Do céo na pureza, nos astros, no ar!
Saudade infinita, que as almas devora,
Sentimos n'esta hora pungir, abrazar!

Poeta, silencio Curvemos a fronte
Ao vivo horizonte de ignoto arrebol
No seio da noite fecundo estremece
E surge, apparece em breve outro sol!

Extatico e mudo, adoro e contemplo!
Nas áras do templo me prostro ante Deus!
Mas tu, cujos cantos o genio illumina,
Na harpa divina remonta-te aos céos!

E. ZALUAR.

A oração da infancia

RECITATIVO

Quando a criança mal soletra a vida
No psalmo escripto pela mão divina,
Guarda em memoria uma oração querida
Que o amor materno ao coração ensina.

E' phrase doce, que não cresta o labio,
E' melodia que a innocencia embala,
Diz mais que o livro que escrevesse um sabio,
Diz mais que o aroma que da flôr se exhala.

Tem da ternura o abcedario inteiro,
Da voz dos anjos o sonoro enleio,
Ninguem no mundo a traduziu primeiro,
Nem mesmo a ave em virginal gorgeio!

A meiga brisa que roçou nas aguas
Vai repetil-a na amplidão dos céos,
Sómente a entende quem não soffre magoas,
Ou tem nos filhos um condão de Deus!

E's pai, tu sabes quanto amor exprime
Essa oração que á minha mãi ouvi;
Se é muito simples, é p'ra mim sublime,
Do que o futuro só encontrou em ti.

ACHILLES VAREJÃO.

Sonhei-a

Sonheia-a! dormia com as mãos sobre os seios,
Talvez nos anceios de um vago sonhar!
E vinham-lhe ao rosto quebrar-se em desmaios
Os pallidos raios de um tibio luar.

Que noite! que ar puro! que magico effeito
Nas fibras do peito senti palpitar,
Que sustos que angustia por vel-a abatida
Por vel-a dormida tão perto do mar!

E a noite ia alta! e a brisa gemia
E o mar parecia querel-a beijar...
Dormia tão perto que os alvos vestidos
Julguei confundidos co'a espuma do mar!

Assim que avistei-a de longe correndo,
Cheguei-me tremendo já quasi a tocal-a...
Propicia era a hora da noite o ensejo
E louco num beijo quasi fui acordal-a!

Mas antes do beijo depôr-lhe na fronte
No largo horisonte, eis, surge-me o dia!
O encanto desfez-se; a sombra fugiu-me,
Fugiu-me, e entre as nevoas da noite perdia-a!

Q. BOCAYUVA.

Hebréa

RECITATIVO

Pomba d'esperança sobre um mar de escolhos!
Lyrio do valle oriental, brilhante
Estrella Vesper do pastor errante!
Ramo de murta a rescender cheirosa!

Tu és, ó filha de Israel formosa...
Tu és, ó linda, seductora Hebréa...
Pallida rosa da infeliz Judéa
Sem ter o orvalho que do céo deriva!

Porque descoras, quendo a tarde esquiva
Mira-se triste sobre o azul das vagas?
Serão saudades das infindas plagas,
Onde a oliveira no Jordão se inclina?

Sonhas acaso, quando o sol declina,
A terra santa do oriente immenso?
E as caravanas no deserto extenso?
E os pegureiros da palmeira á sombra?

Sim, fôra bello na relvosa alfombra,
Junto da fonte, onde Rachel gemera,
Viver comtigo qual Jacob vivera
Guiando escravo teu feliz rebanho...

Depois, nas aguas do cheiroso banho
— Como Suzanna a estremecer de frio —
Fitar-te, ó flôr do Babylonio rio,
Fitar-te a medo no salgueiro occulto...

Vem, pois!... Comtigo no deserto inculto
Fugindo ás iras de Saul embora,
David eu fôra, se Michol tu fôras,
Vibrando na harpa do propheta o canto...

Não vês? Do seio me goteja o pranto
Qual da torrente do Cedron deserto!
Como lutára o patriarcha incerto,
Lutei, meu anjo, mas cahi vencido.

Eu sou o Lothus para o chão pendido,
Vem ser o orvalho, oriental brilhante!
Ai! guia o passo ao viajor perdido,
Estrella Vesper do pastor errante!

CASTRO ALVES.

Devaneios

RECITATIVO

Eu quero vêr-te de esplendor cercada,
A fronte ornada de mimosas flôres,
No ardor de um baile me fallar mansinho,
Murmurar baixinho segredando amores.

Nos salões da moda não desejo ver-te
Toda embeber-te em pensamentos vãos,
Nem ver um outro receber sorrindo
O ramo lindo de tuas niveas mãos.

Na valsa, oh! bella, quero ver-te exangue,
Curvada e langue sobre o peito meu,
Arquejando tremula de febril cansaço
Comprimir-me o braço sobre o peito teu.

No ardor da valsa perpassar ligeira,
Voar faceira eu não te veja, não!
Sobre outro peito descansando a fronte,
Qual flôr do monte que pendeu p'ra o chão.

Quando o baile em meio mais prazer encerra
Vêr-te quizera abandonar as salas,
E a sós commigo te isolar contente
Prendendo a mente em amorosas fallas.

Eu quero vêr-te de esplendor cercada,
A fronte ornada de mimosas flôres,
No ardor de um baile me fallar mansinho,
Murmurar baixinho segredando amores.

C. DA ROCHA.

Hymno da descrente

MODINHA

Foi ditosa e feliz minha infancia,
Toda cheia de crenças, de amor,
O porvir eu amava com ancia
Que mais tarde devia transpor.

Quão mentida me foi essa esperança,
Muito cedo perdi a illusão !
Ai de mim— que inda sendo' criança
Vi morrer este meu coração.

E morrer sem gosar um instante
O porvir que no berço sonhei...
Inda moça e do crime distante,
Bem depressa no crime acordei !

Acordei, quiz voltar—era tarde,
Já não pude á desgraça fugir !
Só me resta hoje, triste covarde,
O meu negro destino carpir.

Essa crença de amores que eu tive
Ai p'ra sempre, p'ra sempre a perdi,
Em vez della o cynismo revive,
Junto ao fél que inda moça bebi.

Que me importa que nada me reste
Dessa idade de crença e prazer !
Que m'importa que o mundo deteste
Esse pranto que a dor faz verter ?

Que m'importa a indifferença do mundo,
Se p'ra o mundo indifferente já sou ?...
Do meu crime o remorso profundo,
Já a esperança e a fé me roubou !

Só me resta o socego da campa,
Onde em breve eu irei repousar
Esta nodoa que o crime m'estampa,
Só com a morte eu a pósso apagar.

JOSEPHINA PITANGA.

O descrido

Que me importa prazeres da terra,
D'essas raios e louco furor;
Que me importa o rugir da tormenta,
D'essas vagas faiscas de horror.

Que me importa que o mundo se acabe,
Que na terra só eu fique rei;
Que me importa, se o mundo eu detesto,
Se desprezo e rancor lhe votei.

Venham embora coriscos e raios
Roubar doce esperança de amor.
Que este peito de marmore e gelo
Só tem fé no tormento e na dor.

Tive fé, muita fê, nesta vida,
Crenças mil neste meu coração;
Mas qu'importa, se seccas, myrradas.
Eil-as todas perdidas no chão.

Já não tenho uma esperança n'est'alma
Que o cynismo varou-me de fel;
Além sim, que só podem caveiras
Nesta fronte cingir um laurel.

Eia, avante, meu peito, eia, avante,
Solta um brado de terno estampido;
Que, soando, soando nos ares
Lá repita bradando — descrido.

Como a rosa, amor dura um so dia

Como a rosa, amor dura um só dia,
Ninguem creia nos votos d'amor.
Sois mimosa, do cume da gloria
Precipita no abysmo da dor.

Só comtigo no peito e na mente,
E's meu bem, tu meu Deus, cá na terra,
E' por ti que meu peito palpita,
E' em ti que o meu mundo se encerra.

Insensato é o homem que pensa
Gosar vida sem ter dissabor,
Terno amor que ao praser nos conduz
Nos arroja no abysmo da dôr.

Já no mundo gozei mil venturas
Fui feliz, fui ditoso em amor,
Hoje vivo de tudo esquecido,
Sepultado no abysmo da dôr.

Insensato é o joven que pensa
Ter amante sem ingratidões;
Entre amor só ha tyrannia
Que escravisa nossos corações

Já no mundo gozei de venturas
Fui feliz, fui ditoso em amor,
Hoje vivo de todo esquecido,
Sepultado no abysmo da dôr.

Qual quebra as vagas do mar

MODINHA

Qual quebra as vagas do mar
Carcomendo as duras fragoas,
Assim da saudade as magoas
O meu peito vem quebrar;
O meu destino é penar,
Ingrata, por teu rigor.
Vê que contraste de horror...
Tu na minha alma gravada,

Da tua mente apagada
Lembrançe do nosso amor!
Se o sol desponta, eu lamento!
Se o sol se despede, eu choro;

Se a brisa passa, eu imploro
Compaixão p'ra o meu tormento;
Como não gozo um momento
Do somno o doce favor;

Alta noite com fervor
Em ti minh'alma s'inspira
Canto ao som da minha lyra
Lembranças do nosso amor.

Mulher, a lei do meu fado
E' o destino em que vivo
Depois de ficar captivo
D'um gesto, d'um teu agrado;

Sinto meu peito vergado
Ao peso do dissabor ;
Vai-me fugindo o calor...
Ai que me matam, querida,

Saudades da nossa vida,
Lembranças do nosso amor.
O anjo da morte já pousa
Na minha fronte já fria.

Vai passear algum dia
Onde meu corpo repousa;
Da sepultura na lousa
Que ha de abafar minha dôr;

Por piedade, por favor
Planta um goivo, uma saudade,
Signal da nossa amizade,
Lembrança do nosso amor.

Era no outono

RECITATIVO

Era no outono quando a imagem tua
A' luz da lua seductora vi.
Lembras-te ainda nessa noite, Elisa,
Que doce brisa suspirava ali?

Toda de branco, em tua fronte bella,
Rosa singela se ostentava então;
Vi-te, e perdido de te vêr buscava
Se me apartava da gentil visão!

Era debalde; quanto mais te via,
Mais me prendia delirante amor;
Magicas fallas proferista incerta,
Toda coberta do infantil pudor!

Tremulo, ancioso, quiz pedir-te um beijo,
Louco desejo, pois fugir-te vi!
Vendo-me triste, para mim voltaste,
Não me fallaste, mas eu bem senti!

Fresca, arroubada de perfume a brisa,
Lembras-te, Elisa? suspirava então;
Tu nos meus braços reclinaste a fronte
E meigamente me disseste: Não!

Bulhão Pato.

A Ilha fluctuante

A vida é como a ilha fluctuante
Que pela correntesa vai aos mares,
Ora de aromas perfumando os ares,
Festejada de musica orchestrante,

Ora vagando á sorte dos azares
No revolto cairel do abysmo hiante
Martyrisada ao latégo espumante
Do mar que canta nénias tumulares.

Arrebatada a ilha, deixa a costa
E o furor do Oceano, altiva, arrosta
E quer vencer a onda que recresce ...

Mas em meio da rapida viagem,
Sem ver a orla opposta, na voragem
Aneeia, treme, cahe, desapparece.

DAMASCENO VIEIRA.

A cruz das selvas

Fanal de redempção estrella esplendorosa,
Que fulges cá na terra em chispa luminosa
Sorrindo dentre a luz... erguendo para o céo
Os lindos braços teus, sublimes nos seus brilhos,
Que medianeiros são da voz dos pobres filhos,
Que interpretam de ti a paz, no altar de Deus!...

Madeiro redemptor... tu, cujo tôpo arvoras
Enlaçando o perdão!... fulgente, tu imploras,
Sem ao menos vergar ao duro peso seu...

Tens firme o pedestal, té na movente areia
Onde a prumo eu te vejo, embora d'agua a veia
Orvalhe gotta á gotta o negro tronco teu!...

No campo solitario, em meio da floresta,
Lá, te arvorou alguem!... oh sim!... que immensa festa,
Rodeia-te, mimosa!... ó casta e santa cruz!...
A mancenilha em flôr te prende em farta rama,
Em grupos desiguaes... perfume em ti derrama,
E tu, que grata és, juras-lhe eterna luz!

Exhausto o viajor ao te avistar no serro
Tira a sandalia e vai em busca do desterro
Onde vives tão só e tristemente ali...
Depois, dorme feliz á sombra do teu horto...
Respirando por fim a seiva do conforto
No calmo bem estar haurido junto a ti!...

No leito velho e nú, em face ao moribundo,
Que se estorce a gemer bramindo o el profundo
Que lento vem trazer-lhe a ultima agonia,
O' Cruz, symb'lo da Fé!... vens lhe sorrir infinda
Companheira leal ao misero dás ainda
Casto beijo de amor na fronte exhausta e fria!

Só o cypreste, que orna o pó dos cemiterios,
Ahi, no campanario ao pé do Eremiterio,
Amiga, off'reces tu os braços a quem vem!
E o pobre camponez, sincero e rude, embora!
Respeitoso no chão ajoelha e a ti implora
Mais um dia a viver, depois caminha além!...

E eu, que escrevo, irei correndo ornar de flôres
Colhidas nos jardins dos mysticos olôres,

Da phantasia que se achega aos sonhos meus!...
Oh !... deixa-me adornar humilde o tronco santo
Com esta c'rôa chã das vozes do mou canto
E vem tu perfumar os pobres versos meus!...

IGNEZ SABINO.

Ouvir estrellas

— Ora (dirieis) ouvir estrellas! Certo
Perdeste o senso! — E eu vos direi, no emtanto,
Que para ouvil-as, muita vez desperto
E abro as janellas, pallido de espanto ...

E conversamos toda a noite, emquanto
A via laetea, como um pallio aberto,
Scintilla. E, ao vir do sol, saudoso e emquanto,
Inda as procuro pelo céo deserto

Direis agora : — Tresloucado amigo
Que conversas com ellas ? Que sentido
Tem o que dizem, quando estão comtigo ?

E eu vos direi. — Amai para entendel-as!
Pois só quem ama póde ter ouvido
Capaz de ouvir e de entender estrelas.

OLAVO BILAC.

Berço vasio

Como a fortuna lhe sorria prospera,
Crystalisando o seu querido ideal!
Ella sentia palpitar no seio
O fructo do amoroso devaneio:
Um filho! uma reliquia angelical

Sentia-lhe o mover-se! Imaginava-o
Mais formoso que um bello cherubim!
Teria olhos azues! Seria louro!
Que gloria, quando visse o seu thesouro
E dissesse a chorar: *E's meu, emfim!...*

Ia afinal ser mão! Sincero jubilo
Cantava-lhe no terno coração,
Como cantam, chilrando, em torno aos ninhos
Desejosos de prole os passarinhos
No tempo da fecunda incubação

Queria, ouvindo a melodia célica
Da boquinha infantil que diz: *Mamã,*
Por entre beijos responder: *Meu filho!...*
Seriam astros a mesclar o brilho
O sol beijando a estrella da manhã!

Comprára um berço almofadado e nitido,
Lembrando um porta-joia seductor,
Com cortinado de sedosa renda!
Ahi collocaria a gentil prenda
Qual hostia no sacrario do Senhor!

Quantos castellos não formava esplendidos
Como se visse o pequeno ser!
Acompanhava-lhe a travessa infancia;
Bania-lhe do espirito a ignorancia,
Sobre os joelhos ensinando-o a ler

Via-o depois, na mocidade flórida
A revelar talento senhoril;
— Genio fecundo em pensamentos grandes,
Mais arrojado que o condor dos Andes
Que fende as nuve nsno adejar febril!

. . . .

Chega emfim o momento physiologico ;
Que quadro a mãe afflicta contemplou
O filho a quem a sciencia em vão soccorre,
Triste flor em botão ! sem forças morre,
E a diva essencia ao céo se remontou

Agora — olhar incerto, face pallida —
Na prematura morte ella não crê.
Junto ao berço vasio — tremula a falla,
A rir nervosamente — canta, embala,
Embala o filho que em delirio vê

DAMASCENO VIEIRA.

O adeus

MUSICA DE A. C. MARTINEZ

Casta, mimosa flôr,
Dos bellos jardins de Deus,
Amo-te com tanto ardor,
Estrella dos sonhos meus !
Minh'alma toda queimei
No fogo dos olhos teus ;
Nem sabes quanto te amo
Estrella dos sonhos meus !

Flôr meiga e bella,
Dos sonhos meus:
Oh! minha estrella
Adeus, adeus!

Tu eras minha esperança
Da vida nos escarceos,
Meigo astro de bonança

Estrella dos sonhos meus:
Mas desse amor tão santo
Das flores puras do céo,
Hoje quebram o encanto
As lagrimas de um adeus.

Flôr meiga e bella, etc...

Longe de ti peregrino
N'uma agonia cruel,
Vou tragar do meu destino
A taça de amargo fel;
Anjo que tanto adorei
Estrella dos sonhos meus,
Quem sabe se te verei,
Nunca mais; adeus, adeus!

Flôr meiga e bella, etc...

GABRIEL NAVARRO.

Donzella por piedade não perturbes

Donzella, por piedade não perturbes
A paz que se abrigou no peito meu;
Não queiras, com os teus cantos de sereia,
Acordar um amor que já morreu.

Ameite, sim, ó virgem, sim, amei-te
O quanto o coração amar podia!
O verdor dos meus annos consagrei-te,
Só a ti, a ti só, no mundo eu via!

Faço timbre hoje emfim de conhecer-te,
Mil vezes faço timbre de adorar-te;
Minha viva paixão manda querer-te,
Tuas faltas de amor manda deixar-te.

Se procuro cruel, deixar de ver-te,
A tristeza me cerca em toda a parte ;
Arrependo-me, oh! sim de conhecer-te,
Se, para allivio meu, busco fallar-te.

Escuta...

RECITATIVO

Se para amarte fôr mister martyrio.
Com que delirio saberei soffrer ?
Se de altas glorias fôr mister a palma,
Talvez minh'alma possa além colher...

Quebrar cadêas, conquistar um nome,
Que não consome o perpassar das éras ;
Arcar com as furias de iracundos nortes.
Soffrer mil mortes, sem morrer devéras ;

Nas proprias carnes apertar cilicios,
Nos sacrificios ter sereno rosto ;
Pisar descalço sobre espinhos duros,
Com pés seguros, com signaes de gosto ;

Longe da patria, no paiz mais feio,
Do tedio em meio para amar-te, irei,
Viver, embora, sobre a zona ardente,
E alli contente por te amar serei !...

E a ser amado se fôr mysterio o incenso
Que sobe denso dos salões aos tectos,
Serei altivo, mas não irei de rastos,
Com labios castos mendigar affectos !

E, se me odeias por não ir ás salas
Dizer-te as fallas de mendaz paixão,
E, aos olhos de outros, profanando extremos,
Dizer-te :—amemos,—apertar-te a mão...

Dá-me teu odio, pois, não quero, escuta,
Beber cicuta—procurando mel ;
Dá-me teu odio, mas em gráo subido,
Embora ungido de amargoso fel !

Dá-me teu odio, por fatal sentença !
A indifferença me será peior
Que um sentimento por mim tenhas n'alma,
Dá-me essa palma de soffrer melhor.

Dr. Pedro de Calazans.

Não posso viver sem ti

MODINHA

De amor lições proveitosas
Nos teus olhos aprendi ;
Teu amante e teu discipulo,
Não posso viver sem ti.

Os teus com meus soffrimentos
N'um instante eu confundi.
Tu padeces e eu padeço,
Não posso viver sem ti.

Alma de minha vida,
Nos teus encantos vivi ;
Tu és alma de minh'alma,
Não posso viver sem ti.

Do Brazil a mulatinha

LUNDÚ

Do Brazil a mulatinha
E' do céo doce maná,
Adocicada fructinha,
Saboroso cambucá!

E' quitute appetitoso,
E' melhor que vatapá;
E' nectar delicioso,
E' boa como não ha.

E' manjar bem delicado,
E' melado com cará;
Agradavel bom bocado,
Gostoso maracujá.

E' cajú assucarado,
E tem da manga o sabor;
E' quibêbe apimentado
Pelas mãosinhas d'amor.

E' doce licor de rosa,
E' melhor do que melado;
Delicado e melindroso
Vinho velho engarrafado.

E' manguinha da Bahia,
E' doce favo de mel.
Não é clara como o dia,
Nem alva como o papel.

A mulatinha mimosa,
Fios d'ovos com canella;
E' morena, côr de rosa,
Tem uma côr muito bella.

E' faceira, tem candura,
Tem do côco o paladar;
Tem meiguice, tem ternura,
Tem quindins d'enfeitiçar.

Quando eu meigo vejo ella
Tão terna, tão moreninha,
Logo exclamo: como é bella
Do Brazil a mulatinha!

Os olhos sabe volver
Tão ternos a namorar;
Que eu quizera só poder
Junto della sempr'estar.

Tu' e eu

RECITATIVO

Tu és a fonte a deslisar-se limpida,
Eu sou o arbusto a mirrhar-se n'agua;
Tu és o espelho das manhãs pulcherrimas,
Eu sou a noite em que se espelha a magoa,

Tu és o lyrio que embellece os cómoros,
Eu sou o goivo que entristece as almas;
Eu só floresço onde ha saudade e lagrimas,
Tu mais floris onde ha mais riso e palmas.

Eu sou o inverno que desnuda as arvores.
Tu, primavera que as leziras veste;
Tu dás mais vida ao peregrino alligero.
Eu mais enluto o sepulchral cypreste!

Eu sou dos ermos voador notivago,
Tu és calhandra que aviventa os ermos,
Eu vou, sempre interrompendo jubilos,
Tu revigoras com teu canto enfermos.

Eu sou do rio a correnteza soffrega,
Tu da caudal o procurado leito;
Tu és a calma a triumphar dos impetos,
Eu corro e luto p'ra me vêr sujeito!

Tu és o alvo de olhos mil tão cupidos,
Eu sou o cego que não quer mais vel-os;
Tu és a rocha aos vagalhões incólume,
Eu Prometheu a me findar de anhelos,

Tu és mais livre que o condor da America,
Eu sou o escravo que as algemas beija;
Tu és as brisas a plumagem morbida,
Eu sou o labio que arrutar-te almeja!

Tu és a praia em que mil vagas quebram-se,
Eu sou a onda que a teus pés se dobra;
Tu és da gloria a mais certeira bússola,
Eu sou a nauta que, sem ti, sossobra!

Tu és a lua a despontar esplendida,
Eu sempre sou aos raios teus penumbra;
Só de um olhar me reconheço automato,
Tu és o olhar que os olhos meus deslumbra,

Tu és a rosá de mellifluo calice.
Eu sou a abelha de teu mel sequiosa;
Tu só me féres, se te affago as pétalas,
Eu te não deixo, encantadora rosa.

Eu sou da lyra o renascido Tántalo,
Tu és a musa caprichosa e linda;
Crente sou eu, que só adoro um idolo,
Idolo és tu — de adoração infinda! —

Tu, que és a flor, deixa-me ser teu zephiro,
Eu e tu, anjo, um só viver formemos;
Tu és o aroma, eu sou o olfacto—aspiro-te,
Eu sou o amor, tu és a graça—amemos!

ROZENDO MUNIZ.

E' bem bom, não dóe nem nada

LUNDÚ

Minha doce yá-yázinha
Quando está toda enfadada
Dá pancadinhas na gente...
E' bem bom, não dóe nem nada.

Gosto d'ella
Só por isso,
Que a pancada
Tem feitiço.

A's vezes bullo cem ella
Para vêl-a amofinada;
Dá-me e... puxa os cabellos
E' bem bom, não dóe nem nada.

Gosto d'ella
Só por isso,
Que a pancada
Tem feitiço.

Hontem, brincando com ella,
Pespegou-me uma dentada,
Clamei-lhe mesmo ferido :
E' bem bom, não dóe nem nada.

Gosto d'ella
Só por isso,
Que a dentada
Tem feitiço.

Um dia, dando-lhe um beijo,
Pôz-me a lingua ensanguentada ;
Então me rindo lhe disse :
E' bem bom, não dóe nem nada.

Gosto d'ella
Só por isso,
Que seus modos
Tèm feitiço.

Minha terra tem palmeiras

CANÇÃO

Minha terra tem palmeiras
Onde canta o sabiá;
As aves que aqui gorgeiam
Não gorgeiam como lá.

Nosso céo tem mais estrellas,
Nossas varzeas têm mais flôres,
Nossas flôres têm mais vida,
Nossa vida mais amores.

Em scismar sózinho á noite
Mais prazer encontro eu lá ;
Minha terra tem palmeiras
Onde canta o sabiá.

Minha terra tem primores
Que taes não encontro eu cá :
Em scismar sózinho á noite
Mais prazer encontro eu lá.

Minha terra tem palmeiras
Onde canta o sabiá.
Não permitta Deus que eu morra
Sem que volte para lá,

Sem que desfructe primores
Que não encontro por cá,
Sem que inda aviste as palmeiras
Onde canta o sabiá.

GONÇALVES DIAS.

Minha terra tem loureiros

PARODIA

Minha terra tem loureiros
Onde canta o rouxinol,
Canta triste e solitario
De manhã e ao pôr do sol.

Quem me dera ouvir de novo,
Nessa terra que eu deixei,
O canto do rouxinol,
Se o seu canto tanto amei;

Minha terra tem campinas
Que tapizam lindas flores,
Trinam lá melhor as aves,
Sabem mais cantar amores.

Quem me dera ouvir de novo
O cantar do rouxinol,
Nesta terra que amo tanto,
Se eu amei tanto o seu sol.

Não permitta Deus que eu morra
Dos annos no arrebol,
Sem que veja o sitio ameno
Em que canta o rouxinol.

Que o prazer que hoje me cerca
E' cruel—cruel, bem sei,
Quero vêr esses loureiros
Que lá na patria deixei.

Canção do marinheiro

Triste vida é a do marujo,
Qual dellas a mais cansada,
Por amor á vil soldada,
Passa tormentos (*bis*),
Don, don

Andar ás chuvas e aos ventos,
Quer no verão, quer no inverno,

Que parece o proprio inferno
Co'as tempestades (*bis*)
Don, don,

As nossas necessidades
Nos obrigam a navegar
A passar tempos no mar
Em aguaceiros (*bis*)
Don, don.

Passam-se dias inteiros
Sem se poder cosinhar,
Nem tão pouco mal assar
Nova comida (*bis*),
Don, don.

Arrenego eu desta vida
Que nos dá tanta canseira;
Sem a nossa bebedeira
Não, não passamos (*bis*),
Don, don.

Quando descansados estamos
No rancho a socegar,
Então ouvimos gritar :
Oh ! leva árriba (*bis*),
Don, don.

A lavadeira

MODINHA

A senhora Josephina,
Lavadeira apavonada,
Por ser muito carinhosa,
Deve ser sempre lembrada.

E, perita lavadeira,
Lava roupa bem lavada ;
Muito certa pelo rol,
Bem serzida e ponteada.

Com ella nunca eu briguei.
Por causa de minha roupa ;
Quer no preço, quer na paga
Meu dinheiro sempre poupa.

Lava roupa bem lavada,
Sem faltar um só botão,
Não levando pela roupa
Nunca mais de um—tostão.

Quiz um dia exp'rimentar
Porque era tão zelosa
E tinha tantos caprichos
Em seu todo tão dengosa.

E' perita lavadeira,
Lava a roupa sem sabão.
Não levando pela peça
Nada mais que um tostão.

Afinal me declarou
Que a roupa só lavava
D'aquelle a quem devia
E a mim, porque me amava

E' perita lavadeira,
Lava a roupa bem lavada ;
Muito certa pelo rol,
Bem serzida e ponteada.

Agora não lava mais,
Já não é mais lavadeira ;
Foi morar em nossa casa
E' a minha companheira.

Lava roupa bem lavada,
Engomma com perfeição:
Nunca me levou dinheiro
E me deu seu coração.

A Judia

RECITATIVO

Corria branda a noite; o Tejo era sereno,
A riba silenciosa, a viração subtil;
A lua em pleno azul erguia um rosto ameno,
No céo inteira paz, na terra pleno Abril!

Tardo rumôr longiquo; airoso barco ao largo,
Bordava aureo listrão do Tejo ao manto azul;
Cedia a natureza ao celestial lethargo;
Traziam meigos sons as virações do Sul.

O' noites de Lisbôa! ó noites de poesia!
Auras cheias de arôma! esplendido luar!
Vastos jardins em flôr, suavissima harmonia!
Transparente, profundo, infindo o céo e o mar!

Se a triste da Judia ousasse ter desejo
De Patria sobre a terra, aqui prendêra o seu:
Um bosque sobre a praia, um barco sobro o Tejo,
E eleito da minh'alma um coração só meu...

Corria branda a noite, immersa em funda magoa
Fui assentar-me triste e só no meu jardim;
Ouvi um canto ameno! um barco ao lume d'agua
Vagava brandamente; a voz dizia assim.

Dormes? e eu velo, seductora imagem,
Grata miragem que no êrmo vi;
Dorme — impossivel — que encontrei na vida!
Dorme, querida, que eu descanto aqui.

Dorme, que eu velo a acalentar-te os sonhos!
Virgem, risonhos, que te vêm dos céos,
Dorme! e não vejas o martyrio, as magoas
Que eu digo ás aguas, e não conto a Deus!

Filha sem patria! branca fada errante!
Perto ou distante que de mim tu vás,
Ha de seguir-te uma saudade infinda,
Hebréa linda, que dormindo estás!

Onde nasceste? onde brincaste, ó bella,
Rosa singela, que não tens jardim?
No Cairo? em Malta? em Nazareth? no Egypto?
Mundo infinito, e tu sem berço? oh! sim.

Folha que o vento da fortuna impelle,
Victima imbelle, que um tufão roubou!
Flôr que n'um vaso se alimenta e cresce,
Ri, desparece, e não mais voltou!!

Filha de um povo perseguido e nobre,
Que ao mundo encobre seu martyrio, e crê!
Sempre Ashavero a percorrer a esphera!
Desgraça austera! inabalavel fé!

Porque ha de o lume de teus olhos bellos!
Mostrar-me anhelos de infinito ardor?
Porque esta chamma a consumir-me o seio?
Deus de permeio nos maldiz o amor?...

Peito! meu peito, porque anceias tanto?
Pranto! meu pranto, basta já, não mais!
E' sina, é sina! remador, voltemos;
Não n'a acordemos... para que, meus ais?

Dorme, que eu velo, seductora imagem,
Grata miragem que no êrmo vi:
Dorme — impossivel — que encontrei na vida!
Dorme, querida, que eu não volto aqui!

Sumiu-se a barca, e eu chorava
Debruçada sobre o Tejo:
A aragem trouxe-me um beijo
Que nos meus labios tomei...
Ergui-me cheia d'affecto;
Vi scintillar ainda a esteira
Da barquinha feiticeira,
E disse ás auras: Correi.

Trazei-m'o quero contar-lhe
O fnndo tormento enorme
Da judia que não dorme,
A penar d'ignoto amor!
Voae! trazei me o seu nome,
O seu retrato, o seu canto,
Uma baga do seu pranto...
Que venha!... o meu trovador!

Ai, nada ha em minha historia
Que lhe suavise a tristeza?
Nasci na triste Veneza,
Onde perdi minha mãe:
Acalentaram-me lagrimas
Que derramava a saudade,
Na desgraçada cidade
Que não tem patria tambem.

Cresci: meu pai uma noite
Disse-me: « E' já tempo agora;
Ergue-te ao romper d'aurora,
Vamos ver as terras santas,
Sepulchros de teus monarchas;
A patria dos patriarchas,
Desde o Egypto a Canaan. »

Fui; corri o mappa immenso
Das montanhas da Judéa:
Ai, patria da raça hebréa!
Ai, desditosa Sião!
Que extensos montes sem relva!
Que paragens sem conforto!
Onde se estende o Mar-Morto,
Onde serpeia o Jordão!

Aqui de Hemor os vestigios;
De Ziphe além o deserto;
Longe o Sinai encoberto;
D'Horeb o morro inda além;
Deste lado o Mar Vermelho;
Daquelle... nada! uns destroços;
Ruinas, campas sem ossos!
E ao fundo Jerusalém!

Meu pai chorava, e eu chorava,
Vendo morta e sem prestigio
Terra de tanto prodigio,
Maldita agora de Deus,
Tudo silencioso! esteril!
Tudo vastos cemiterios,
Onde ruinas e imperios
Ficaram por mausoléos!

« Meu pai — disse. — eu tenho sede
Vê, filha, a aridez no monte!
Só Deus dava ao ermo a fonte
Em que bebia Ismael.»
«Pae, cancei; mostra-me a patria,
Quero dormir sem receio...»
«Filha, encosta-te ao meu seio,
Que não tem patria Israel.»
. . . .
. . . .
. . . .
. . . .

Em todo o mundo estrangeira,
Toda a vida peregrina!
Vêde se ha mais triste sina;
Ser rica e não ter um lar!
Sempre a lenda de Asheverus!
Sempre o decreto divino!
Sempre a expulsar-me o destino
Como Abrahão á pobre Agar!

Que póde valer á hebréa
Sentir n'alma chamma infinda?
Como a linda Esther ser linda
E amada como Rachel?
Se o coração da judia
Se entre-abre de amor aos lumes,

Não lhe dá tempo aos perfumes
O seu destino cruel.

Ai, trovador nazareno,
Não voltes ! tenho receio...
Dizes que é Deus de permeio?
Não ! blasfemaste ! Deus, não !
Pôz o mundo esse impossivel
Entre o desejo e a ventura ;
O amor chama-lhe loucura
E o preconceito razão.

Deus é Deus, é um só existe !
Cego é o mundo e varia crença !
Mas esta cupula immensa
E' tecto de todos nós
Este ambiente que aspiro ;
Da lua e do sol os brilhos
Hão de ser de nossos filhos !
Foram de nossos avós ?

Essa crença nos separa,
E o mundo exige o supplicio,
Desse amor em sacrificio,
Deixando-se o pranto á dôr.
Eu cerro o peito á ventura ;
Tu, esmaga o teu desejo;
Não mais virei junto ao Tejo...
Não voltes mais, trovador !

Um teu doce agrado

Eu amo ás flôres em manhã serena
Frescas, viçosas, perfumando o prado,
Porém adoro, amo mais ainda
Um teu sorriso, um teu doce agrado.

Eu amo os cantos maviosos, puros,
Gorgeios brandos de mimoso alado,
Mas... ah! que amo, mais prazer me dá
Um teu sorriso, um teu doce agrado!

Eu amo ás meigas e ternas caricias
Da mãi querida ao filhinho amado,
Mas mais eu amo um carinho teu,
Um teu sorriso, um teu doce agrado.

Eu amo ouvir os acordes santos
D'orhão divino em templo sagrado,
Mas amo... adoro com fervor maior
Um teu sorriso, um teu doce agrado.

Eu amo os brincos d'infantil menino
Que folga isento do menor cuidado,
Porém amo muito mais que tudo
Um teu sorriso, um teu doce agrado.

D. Candida Cotrim.

Canção da vivandeira

Ai que vida que passa na terra
Quem não ouve o rufar do tambor,
Quem não canta na força da guerra
Ai amor, ai amor, ai amor!

Quem a vida quizer verdadeira
E' fazer-se uma vez vivandeira.

Só na guerra se matam saudades
Só na guerra se sente o viver,
Só na guerra se acabam vaidades
Só na guerra não custa morrer,

Ai que vida, que vida, que vida,
Ai que sorte tão bem escolhida!

Ai que vida que passa na guerra
Quem pequena na guera viveu,
Quem sózinha passando na terra
Nem o pai, nem a mãi conheceu.

Quem a vida quizer verdadeira
E' fazer-se uma vez vivandeira.

Ai que vida esta vida qu'eu passo
Com tão lindo gentil mocetão
Se eu depois da batalha o abraço,
Ai que vida p'ra meu coração,

Que ternura cantando ao tambor
Ai amor, ai amor, ai amor!

Que harmonia não tem a metralha
Derrubando fileiras sem fim,
E depois, só depois da batalha,
Vêl-o salvo, cantando-me assim:

Entre as marchas fazendo trincheira,
Mais te amo gentil vivandeira,

Não me assustam trabalhos da lida,
Nem as balas me fazem chorar;
Ai que vida, que vida, que vida,
Esta vida passada a cantar!

Qu'eu lá sinto no campo o tambor
A fallar-me meiguices de amôr.

Mas deixemos os cantos sentidos,
Estes cantos do meu coração,
E prestemos attentos ouvidos
Ao lapião, rataplão, rataplão.

Ao laplão, rataplão, que o tambor,
Vai cadente fallando de amor.

A variante

(DA CANÇÃO PRECEDENTE)

Ai que vida esta vida que passo
Com tão lindo, e gentil mocetão;
Ao depois da batalha um abraço...
Ai que vida para o meu coração.

Ai que vida que passa na terra
Quem não ouve rufar o tambor,
Quem não canta na força da guerra
Ai amor, ai amor, ai amor!

Que harmonia não tem a metralha
Derrubando fileiras sem fim!
Ao depois, só depois da batalha
E' que vejo meu bem junto a mim.

Ai que vida, etc.

Não me assustam trabalhos da vida,
Nem as balas me fazem chorar:
Ai que vida, ai que vida, ai que vida.
Esta vida se passa a cantar!

Ai que vida, etc.

Só na guerra se matam saudades,
Só na guerra se sente o viver,
Só na guerra se acabam vaidades,
Só na guerra não custa a morrer !

Ai que vida, etc.

Nós deixamos os cantos sentidos,
Esses cantos do meu coração;
Mas prestamos attentos ouvidos,
Ram tam plam, ram tam plam, ram tam plam.

Ai que vida, etc.

Ai que vida que passa na guerra
Quem na magoa em pequena viveu !
Quem sósinha passando na terra
Nunca pai, nunca mãi conheceu!

Ai que vida, etc.

Ponto final

LUNDÚ

Tive por certa menina
Uma paixão sem igual,
Que escapou de dar commigo
Dos doudos no hospital.

Porém agora
Meu coração
Pôz na oração
Ponto final.

Amei com pontos e virgulas,
Divisões e reticencias...
Tiradas as consequencias,
Tudo era artificial!

Porém, etc,

O qu'ella por mim fazia,
Fazia a outro tambem;
Não ter amor a ninguem
E' seu timbre natural.
Porém, etc.

PAULA BRITO.

A' Leonor

RECITATIVO

Longe, bem longe, n'amplidão celeste,
A estrella brilha, no brilhar seduz!
E o pastor geme sobre o monte agreste,
Cravando os olhos na adorada luz!

No serro altivo ergue-se a flôr vermelha,
Exhala aromas que não têm rival;
Co'a debil aza a namorada abelha
Forceja embalde por se erguer do val!

Tu és a rosa que a fragrancia espira,
Eu seu a abelha que no val morreu!
Sou o pastor que ao ideal aspira,
Tu és a estrella que illumina o céo!

Estrella, segue a rutilante estrada!
Rescende aromas, orgulhosa flôr!
E oh! nunca sonhes que assim foste amada!
Oh! nunca saibas que morri de amor!

PINHEIRO CHAGAS.

INDICE